



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

ANALICE BEZERRA RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

**Calor dos Inferno: Roteiro Cinematográfico**

Recife  
2025

ANALICE BEZERRA RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

**Calor dos Inferno: Roteiro Cinematográfico**

Roteiro Cinematográfico apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Marcos Buccini Pio Ribeiro

Recife  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Albuquerque, Analice Bezerra Rodrigues de.  
Calor dos Inferno / Analice Bezerra Rodrigues de Albuquerque. - Recife,  
2025.  
89 p.

Orientador(a): Marcos Buccini Pio Ribeiro  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual -  
Bacharelado, 2025.

1. Distopia. 2. Controle Climático. 3. Desigualdade Social. 4. Ficção  
Científica. 5. Roteiro Cinematográfico. I. Ribeiro, Marcos Buccini Pio.  
(Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

## Resumo

Em um futuro marcado por colapso climático, o controle da temperatura se torna ferramenta de dominação social. *Calor dos Inferno* é um roteiro de longa-metragem que acompanha Noel, jovem técnico da organização F.R.I.O, responsável por manter o frio nas zonas privilegiadas da cidade enquanto o restante da população é condenado ao calor extremo. O objetivo do trabalho é desenvolver uma narrativa distópica com estética inspirada em animes, que denuncie a desigualdade estrutural por meio da metáfora climática. O roteiro foi elaborado com base na estrutura clássica em três atos, mesclando referências de ficção científica, animação japonesa e crítica social. O resultado é uma obra de tom contemplativo, com construção de mundo detalhada e protagonista em crise silenciosa. A conclusão evidencia a tensão entre controle e resistência, propondo um final aberto que reflita os limites entre sobrevivência e subversão.

**Palavras-chave:** Distopia. Controle Climático. Desigualdade Social. Ficção Científica. Roteiro Cinematográfico.

## **Abstract**

In a future marked by climate collapse, temperature control becomes a tool of social domination. *Calor dos Inferno* is a feature-length screenplay that follows Noel, a young technician working for F.R.I.O, an organization responsible for maintaining cold zones for the privileged while the rest of the population suffers under extreme heat. The goal of this work is to develop a dystopian narrative inspired by anime aesthetics, addressing structural inequality through climate as metaphor. The screenplay was written using a three-act structure, combining elements of science fiction, Japanese animation, and social critique. The result is a contemplative work with detailed worldbuilding and a protagonist facing quiet internal conflict. The conclusion highlights the tension between control and resistance, offering an open-ended reflection on the limits between survival and subversion.

**Keywords:** Dystopia. Climate Control. Social Inequality. Science Fiction. Screenplay.

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>7</b>
2.1 CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO INICIAL.....	7
2.2 ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA.....	8
2.3 DESENVOLVIMENTO DE PERSONAGENS.....	10
1. Noel e sua Família – O Núcleo do Calor Silencioso.....	10
2. F.R.I.O e os Flutner – O Núcleo do Poder Térmico.....	11
3. Aruna e os Rebeldes – O Núcleo da Subversão.....	11
2.4 CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO FICCIONAL.....	12
<b>3. DISCUSSÃO - O ROTEIRO COMO CRÍTICA ESTRUTURAL.....</b>	<b>12</b>
3.1 DIFICULDADES DO PROCESSO CRIATIVO.....	14
<b>4. PRÓXIMAS ETAPAS.....</b>	<b>15</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas vêm se consolidando como um dos maiores desafios contemporâneos, extrapolando a esfera ambiental e se inserindo de maneira incisiva nos debates sociais, políticos e econômicos. O aumento progressivo das temperaturas, os eventos climáticos extremos e o colapso de sistemas naturais afetam de forma desigual diferentes segmentos da população. Em países marcados por profundas disparidades sociais, como o Brasil, a desigualdade térmica já é perceptível no cotidiano urbano. Enquanto alguns grupos possuem acesso constante a ambientes climatizados, outros enfrentam o calor como uma condição permanente e insalubre. A temperatura, nesse cenário, deixa de ser um dado natural para se tornar um vetor de exclusão.

A partir dessa leitura, surgiu a proposta de desenvolvimento do roteiro cinematográfico do longa-metragem *Calor dos Inferno*, uma obra de ficção científica com ambientação distópica, que utiliza o calor como metáfora de opressão e o frio como privilégio exclusivo. A narrativa é centrada em um sistema social controlado por uma corporação denominada F.R.I.O (Flutner Refrigeração Inteligente Ostensiva), responsável por distribuir e regular o frio de forma seletiva, priorizando setores ricos da cidade e condenando as áreas periféricas ao calor extremo.

A concepção do roteiro teve início a partir de uma experiência pessoal, durante uma viagem de ônibus entre as cidades de Caruaru e Recife. Na ocasião, uma imagem compartilhada por um familiar registrava a temperatura interna do veículo em 99 graus Celsius, acompanhada de um comentário irônico no grupo da família: “calor dos inferno”. Esse disparador informal tornou-se o ponto de partida para a criação de um universo narrativo em que o clima é uma variável controlada e politicamente manipulada. A pergunta “e se isso fosse a norma?” passou a orientar a construção do mundo ficcional, dando origem a uma obra que busca refletir, por meio da linguagem audiovisual, as consequências do desequilíbrio climático aliado à desigualdade estrutural.

A estrutura narrativa do roteiro foi desenvolvida com forte influência estética e temática de produções japonesas de animação, com destaque para *Neon Genesis Evangelion* (1995), dirigido por Hideaki Anno, *Cowboy Bebop* (1998), dirigido por Shinichirō Watanabe, *Shingeki no Kyojin*, também conhecido como *Attack on Titan* (2013–2023), com direção de Tetsurō Araki e Masashi Koizuka, e *Akira* (1988), dirigido por Katsuhiro Otomo. Essas obras

foram escolhidas por sua capacidade de articular crítica social, construção de mundo complexa e protagonistas jovens imersos em realidades distorcidas e opressoras.

Cada uma dessas produções exerceu influência direta não apenas na estética visual e no clima da narrativa, mas também em sua **estrutura dramática e forma de organizar conflitos**. Em *Neon Genesis Evangelion*, a fragmentação emocional do protagonista Shinji Ikari serve como guia subjetivo para um mundo em colapso, algo que ecoa na trajetória silenciosa e introspectiva de Noel. A cidade de **Tokyo-3**, onde se passa a série, opera como um organismo tático em estado de constante alerta, conceito que inspirou as zonas e a vigilância térmica da F.R.I.O.

*Attack on Titan* oferece uma lógica de confinamento territorial e camadas de exclusão baseadas em localização e acesso, o que influenciou diretamente a concepção das **zonas térmicas** de *Calor dos Inferno*, onde o frio é privilégio centralizado e o calor é punição periférica.

Já *Akira* (1988), com sua **Neo-Tokyo** hiper urbana, desigual e à beira do colapso, trouxe inspiração para o ritmo de sobrecarga do sistema, a hostilidade da cidade como máquina em falência e a presença de uma juventude deslocada e constantemente vigiada. A estrutura de *Akira*, que alterna explosões de caos com silêncios carregados de tensão política, também influenciou a dinâmica entre contemplação e ruptura presente no roteiro.

Essas obras demonstram que uma narrativa distópica pode articular **espaço, clima, corpo e poder** como forças dramáticas. Foi com base nessas referências que *Calor dos Inferno* estruturou sua progressão narrativa, sua ambientação simbólica e a trajetória emocional dos personagens, evitando o realismo tradicional e apostando numa linguagem visual e rítmica marcada pela opressão cotidiana e pela ruptura gradual.

Assim como essas produções, *Calor dos Inferno* adota um tom juvenil, tanto na perspectiva dos personagens centrais quanto na forma como a narrativa se estrutura emocional e simbolicamente. O roteiro não apresenta um discurso político direto, mas constrói sua crítica por meio da vivência dos personagens, que enfrentam, resistem ou se submetem às regras de um sistema autoritário. A juventude presente na obra é marcada por deslocamento, inquietação, silêncio e gestos de resistência fragmentada.

Este relatório tem como objetivo apresentar o processo de criação do roteiro *Calor dos Inferno*, detalhando suas referências conceituais e estéticas, as escolhas narrativas envolvidas e a proposta de construção de um universo ficcional coerente com os temas que busca abordar. A estrutura do documento contempla a metodologia adotada na elaboração do roteiro, a análise de sua estrutura dramática, a construção de personagens e ambientação, bem como as dificuldades enfrentadas ao longo do processo criativo. Por fim, são discutidas as possíveis etapas subsequentes ao trabalho.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO INICIAL

O ponto de partida para a criação do roteiro *Calor dos Inferno* originou-se de uma experiência cotidiana que, à primeira vista, parecia banal, mas que se revelou catalisadora de um universo distópico. Durante uma viagem de ônibus entre as cidades de Caruaru e Recife, no interior de Pernambuco, uma mensagem compartilhada em um grupo familiar de aplicativo registrava, de forma irônica e espontânea, a temperatura interna do veículo, que marcava 99 graus Celsius. A legenda que acompanhava a imagem “calor dos inferno” funcionou como gatilho imaginativo. A partir dessa vivência, surgiu a pergunta-ficção: *e se o calor extremo fosse uma constante socialmente normalizada, e o frio, um privilégio artificialmente regulado?*

Essa indagação fundamentou a formulação da **logline**, etapa inicial do processo de roteirização. A logline tem por objetivo condensar, em uma frase sintética, a essência da narrativa, articulando protagonista, conflito central e ambientação. No caso de *Calor dos Inferno*, a logline foi pensada como um vetor criativo e norteador para todas as etapas seguintes do processo. Ela enuncia a seguinte premissa: *num futuro onde o frio é um privilégio vendido a poucos, um técnico de manutenção precisa decidir: manter a engrenagem girando ou desafiar o sistema que deixa milhões à mercê do calor*. Esse enunciado estabelece não apenas a tensão dramática da história, mas também a sua dimensão alegórica: a temperatura como variável geopolítica, social e simbólica.

Na sequência, foram redigidas duas versões da **sinopse**, uma curta e outra longa. A sinopse curta tem função pragmática de apresentação objetiva da obra para fins de cadastro, submissão ou pitching. Já a sinopse longa permite uma exploração expandida dos arcos

narrativos, incluindo o universo onde se passa a história, as principais zonas da cidade (como a Baía de Vidro, Zona Fundida, Triz do Inferno, Cinza Brava) e a progressão dramática do protagonista.

A partir dessas sinopses, foi construído o **argumento narrativo**, um documento mais detalhado que organiza a história em forma de prosa sequencial. Com quatro páginas, o argumento descreve os eventos da trama em ordem cronológica, ainda sem a rigidez da linguagem de roteiro. Ele cumpre um papel fundamental na pré-visualização da progressão dramática, no mapeamento de conflitos e na identificação de estruturas simbólicas que atravessam a obra. O argumento é também o espaço onde as metáforas visuais começam a se consolidar.

Essa fase de desenvolvimento inicial foi essencial para estabelecer o **campo simbólico e a lógica interna** do universo ficcional. Através da escrita do argumento, foi possível testar a verossimilhança interna das ações, o comportamento dos personagens diante das tensões impostas pelo sistema F.R.I.O e o ritmo de desenvolvimento dos três atos que estruturam a narrativa. Também foi nesse momento que se consolidou a decisão estética de manter um **protagonista silencioso**, cuja subjetividade se revela mais pelos gestos, silêncios e reações ao ambiente do que por falas ou ações grandiloquentes. Essa escolha dialoga diretamente com a proposta de que o **universo distópico falasse mais do que o indivíduo dentro dele**, tornando Noel não um herói clássico, mas um guia sensorial pelo mundo distorcido.

Em síntese, a etapa de concepção e desenvolvimento inicial não se limitou à formalização de ferramentas prévias ao roteiro, mas funcionou como um laboratório simbólico e estrutural, onde foram testadas hipóteses narrativas, delimitadas regras internas do universo e estabelecidos os caminhos de progressão dramática. O trabalho nessa fase combinou observação do cotidiano, elaboração de metáforas, análise estética e organização técnica, resultando numa base sólida para as etapas posteriores do roteiro

## 2.2 ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA

Com a conclusão do argumento narrativo, teve início a elaboração da **escaleta**, ferramenta essencial na estruturação de roteiros audiovisuais. A escaleta é responsável por organizar a narrativa em unidades dramáticas menores, funcionando como um esqueleto dramático que antecipa o desenvolvimento do roteiro completo. Sua principal função é

garantir a **progressão lógica e emocional da trama**, assegurando que cada cena cumpra um papel funcional dentro da estrutura maior da narrativa.

Embora existam métodos visuais e interativos para a construção de escaletas, como o uso de **beat boards**, post-its coloridos ou softwares especializados em mapeamento de tramas, optou-se, neste caso, por um processo **mais direto e linear**, com a escrita realizada no modo **page view** do software Final Draft. Essa decisão se relaciona com o próprio fluxo criativo do projeto: o roteiro exigia **imersão contínua e crescente**, tal qual o calor que opera como símbolo e agente da opressão no universo ficcional. Em vez de desmontar e remontar blocos narrativos visualmente, a construção respeitou o tempo interno da narrativa, permitindo que a lógica da história fluísse organicamente, cena a cena.

A escaleta foi construída como uma sequência **cronológica e funcional de eventos**, com informações claras sobre **localização da cena** (com marcação geográfica e térmica), **personagens presentes, conflito ou objetivo dramático, função da cena na progressão do arco do protagonista ou no desenvolvimento do universo e tensão climática e simbólica**, especialmente em relação à opressão térmica.

Essa forma de estruturação permitiu o **desdobramento narrativo em três atos**, modelo clássico da dramaturgia, ainda que adaptado à lógica da ficção científica distópica e à estética inspirada em animações japonesas. Ato I corresponde à apresentação do universo, da rotina do protagonista e da ordem social vigente. Ato II é marcado pela crise interna de Noel, sua entrada em contato com a resistência e o aprofundamento da lógica perversa da corporação. Já o Ato III introduz a ruptura, tanto pessoal quanto estrutural, que redefine o equilíbrio estabelecido e projeta uma possibilidade de reorganização do sistema.

Além da função estrutural, a escaleta também desempenhou papel **estético e simbólico**. Cada cena foi pensada como unidade de sentido imagético e sensorial. Não apenas o que acontece importa, mas *como* acontece e *em que temperatura*, literal e metaforicamente. Por isso, a escaleta incluiu **indicações de ambiência térmica**, como o nível de calor sentido pelos personagens, os efeitos sonoros associados (ventoinhas quebradas, vapor de rua, respiração densa) e os elementos visuais presentes em cada espaço (paredes molhadas, solo rachado, sinais de derretimento ou congelamento).

A construção da escaleta também foi marcada por uma preocupação com o **ritmo emocional** da narrativa, alternando momentos de silêncio, contemplação e tensão acumulada

com cenas mais intensas e diretas. Essa dinâmica foi inspirada na estrutura de episódios de obras como *Neon Genesis Evangelion* (1995) e *Cowboy Bebop* (1998), que trabalham com um equilíbrio delicado entre introspecção e ação. Em *Calor dos Inferno*, cenas sem diálogo, centradas em gestos, olhares e ambientes, são intercaladas com sequências de manutenção técnica, confrontos internos e embates simbólicos com a estrutura da F.R.I.O.

A escaleta também permitiu que o roteiro mantivesse **coesão simbólica** ao longo das três partes. Por exemplo, as nomenclaturas das zonas térmicas e os nomes dos personagens seguem uma lógica interna: nomes como Noel, Pavio e Bafudo carregam camadas de sentido (frio como esperança, calor como marginalidade, etc.) e sua presença nas cenas reforça visualmente a metáfora do clima como código social.

Em suma, a escaleta de *Calor dos Inferno* não apenas organizou a narrativa, mas também consolidou o universo ficcional, permitiu o refinamento da ambientação simbólica e garantiu a integridade temática do roteiro. Ao optar por uma construção linear e contínua, rejeitando métodos de montagem e desmontagem típicos de processos mais fragmentados, priorizou-se a imersão sensível no fluxo do mundo narrativo, respeitando a lógica interna do calor que não cessa e da opressão que não dá trégua.

### 2.3 DESENVOLVIMENTO DE PERSONAGENS

A construção dos personagens em *Calor dos Inferno* partiu do entendimento de que em uma narrativa distópica com forte carga simbólica, **cada corpo é uma extensão do sistema** em que habita. A ambientação opressora, marcada pelo controle térmico e pela hierarquização das zonas, exigiu que os personagens fossem criados como **expressões de sua posição política, geográfica e emocional** dentro desse universo. Os personagens foram distribuídos em núcleos com funções distintas, refletindo os diferentes estratos da sociedade controlada pela F.R.I.O.

#### 1. Noel e sua Família – O Núcleo do Calor Silencioso

O protagonista **Noel Neves** é o ponto de entrada no universo da narrativa. Como personagem, ele representa o olhar do espectador diante de uma realidade distorcida, mas internalizada como normal. Seu perfil introspectivo e contido foi pensado como um espelho emocional do ambiente: o silêncio, o calor e a resignação o moldam desde a infância. A

decisão de manter Noel como figura mais reativa que ativa está ligada à proposta de deixar que o **ambiente fale mais alto que o indivíduo**, ao menos nos primeiros momentos da trama.

A **família de Noel** compõe um núcleo que simboliza a esperança passiva, sustentada por mitos e nomes herdados: todos carregam nomes associados ao frio (**Noel Neves, Natalina Neves e Natália Neves**), que funcionam como vestígios de uma promessa nunca cumprida. Eles acreditam que o frio é sinônimo de futuro e veem a entrada de Noel na F.R.I.O como redenção geracional. Essa construção familiar dá peso simbólico ao dilema do protagonista: servir ao sistema para honrar o sacrifício da família ou traí-lo em nome de uma verdade maior.

## 2. F.R.I.O e os Flutner – O Núcleo do Poder Térmico

A megacorporação **F.R.I.O. (Flutner Refrigeração Inteligente Ostensiva)** representa o poder central no universo de *Calor dos Inferno*. Controladora do frio e, portanto, da sobrevivência, a empresa se constituiu após o colapso climático como a única instituição capaz de manter zonas habitáveis. A sua história é marcada por uma construção **familiar e ideológica**, onde o poder é herdado tanto pelo sangue quanto pela crença no frio como ferramenta civilizatória. No topo da corporação estão os gêmeos **Rússel e Prússia Flutner**, não por sua capacidade técnica, mas por serem os **herdeiros diretos da dinastia**. Eles representam a continuidade de uma ordem que se sustenta na tradição e na imagem.

## 3. Aruna e os Rebeldes – O Núcleo da Subversão

A resistência à F.R.I.O não se constitui como um movimento formal, centralizado ou institucionalizado. Ela opera à margem da estrutura oficial, em zonas da cidade onde o calor extremo, a falência dos sistemas de resfriamento e o abandono da corporação se encontram. É nesse ambiente que atua **Aruna**, figura central de uma célula rebelde que não possui nome, insígnia ou organização hierárquica, apenas sobrevivência e urgência.

**Aruna** é uma mulher marcada pela experiência e pelo exílio. Ex-funcionária da F.R.I.O, carrega em si os vestígios de uma antiga crença no sistema, agora substituída por uma visão crítica, amarga e estratégica. Sua ruptura com a corporação é uma decisão política sustentada pelo trauma e pelo esgotamento. Ela representa o que se pode chamar de **consciência tardia do colapso**: alguém que esteve dentro do mecanismo, viu seu funcionamento de perto e escolheu desertar.

Aruna **não é uma líder messiânica**. Ela coordena ações pontuais de sabotagem, escuta clandestina, redirecionamento de cargas térmicas e acolhimento de fugitivos que tentam escapar das zonas centrais da cidade. Sua presença é tida como um ponto de referência para aqueles que já não creem na promessa da refrigeração social. Eles vivem em estruturas improvisadas, aproveitam equipamentos defeituosos e constroem **tecnologias de resfriamento**, muitas vezes à base de reaproveitamento de peças da própria F.R.I.O. É a ciência da sobrevivência aplicada à resistência.

## 2.4 CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO FICCIONAL

A construção do universo de *Calor dos Inferno* partiu do entendimento de que, em narrativas distópicas, o espaço **não é apenas cenário**, mas **estrutura simbólica e política**. O mundo concebido foi planejado de modo a refletir e amplificar as desigualdades sociais por meio da **distribuição desigual da temperatura**, funcionando como uma metáfora funcional da segregação contemporânea. Aqui, a temperatura opera como **ferramenta de controle, divisão de classe e imposição de limites físicos e simbólicos** entre corpos e territórios.

**Buraco no Mar**, último território habitável da Terra após o colapso climático global, é um espaço geopolítico artificialmente mantido pela **corporação F.R.I.O.**, que regula a presença do frio como privilégio. A lógica de funcionamento do território é definida por **zonas térmicas**, com níveis distintos de acesso à refrigeração, aos recursos, ao trabalho e à mobilidade.

Essa **cartografia térmica** parte de um centro urbano blindado, onde vivem os corpos refrigerados da elite e dos administradores do sistema. À medida que se avança para as bordas da cidade, surgem áreas como a **Zona Fundida**, **Triz do Inferno**, **Cinza Brava**, e a própria **Fornalha**, territórios onde o calor não apenas é constante, mas também programado. São lugares sem sombra, sem vento, com estruturas que retêm calor e corpos que vivem expostos. É nesse arranjo que a temperatura se torna **fronteira invisível**, operando como forma de segregação climática.

## 3. DISCUSSÃO - O ROTEIRO COMO CRÍTICA ESTRUTURAL

O roteiro de *Calor dos Inferno* foi concebido como uma obra de ficção científica, mas seu universo narrativo, apesar da camada distópica e do afastamento temporal, **não se distancia da realidade, ele a intensifica**. A construção do mundo, baseada em um sistema

de segregação térmica artificial, foi elaborada como uma forma de **desnaturalizar a desigualdade cotidiana**, deslocando o debate sobre classe, acesso e privilégio para o plano do clima, sem que isso o tornasse metafórico demais. O calor que consome os corpos nas zonas, o frio como mercadoria e a arquitetura operam como **camadas ampliadas do que já se observa nas cidades brasileiras**, onde o direito ao conforto térmico, ao descanso, à sombra ou à água está longe de ser universal.

A intenção central foi provocar **identificação crítica**. A obra parte da hipótese: *e se a desigualdade climática fosse oficializada, institucionalizada, quantificada?* A resposta não é uma distopia totalitária futurista, mas uma **hipérbole coerente com o presente**. O universo criado é estranho, sim, mas não absurdo. E é exatamente essa tensão, entre o exagero e a verossimilhança, que sustenta a potência crítica do roteiro.

A temperatura é aqui um signo múltiplo, móvel, simbólico e sensorial. O **calor** representa a precariedade forçada, o esforço contínuo, a exaustão física e emocional, e também a revolta latente, com o corpo superaquecido que pulsa de insatisfação. O **frio**, por sua vez, é o conforto, o domínio, a distância emocional, a alienação de quem pode pagar para não sentir. A desigualdade térmica é, portanto, uma linguagem social: **quem sua, quem respira com dificuldade, quem precisa de ventilação improvisada, revela sua posição no sistema**.

A obra se posiciona como **denúncia, metáfora e especulação ao mesmo tempo**. Denúncia por expor o absurdo do presente de forma ampliada. Metáfora por utilizar o clima como linguagem de dominação, em que a opressão não se dá mais por armas, mas por variações de temperatura. E especulação ao imaginar um futuro em que o controle climático passa a ser o novo regime de governança urbana.

Durante o processo de escrita, buscou-se evitar **o discurso panfletário, as falas explicativas ou qualquer forma de exposição direta da crítica**. A escolha foi construir um sistema de opressão que **fosse sentido pelos personagens e pelo espectador**, em vez de explicado. Nesse sentido, o silêncio de **Noel**, o deslocamento físico de **Aruna** e a própria ausência de figuras salvadoras ou redentoras são opções conscientes. A crítica acontece por **encarnação, não por enunciação**. O calor é opressivo não porque alguém diz isso, mas porque o espectador acompanha sua presença constante (visual, sonora e corporal). A resistência, por sua vez, também se expressa nos **corpos que continuam andando, mesmo**

**derretendo**, nas zonas que se recusam a desaparecer, nos gestos pequenos e desorganizados que interrompem o fluxo da máquina. O roteiro não busca prometer libertação, mas **mostrar a insuportabilidade da permanência**.

### 3.1 DIFICULDADES DO PROCESSO CRIATIVO

Apesar da clareza estrutural desde o início, com logline, argumento e escaleta definidos, a execução do roteiro revelou tensões próprias do processo criativo. O maior desafio não foi imaginar o mundo, mas **transformá-lo em narrativa viva**, onde a ação não ficasse sufocada pelo peso simbólico ou pela complexidade conceitual.

A criação do universo foi fluida. Mapear zonas térmicas, estabelecer as camadas de opressão, entender a hierarquia da F.R.I.O, pensar em dispositivos e tecnologias: tudo isso surgiu de forma quase natural, alimentado por um imaginário já consolidado. Isso se deve, em parte, ao meu interesse pessoal por **RPGs narrativos** e mundos interativos, onde as dinâmicas de poder e os sistemas de funcionamento interno precisam ser **descritivos, consistentes e exploráveis**. Esse gosto por construção de mundo acabou moldando a escrita, já que o roteiro assumiu um tom denso, quase documental em certos trechos, e isso se refletiu na forma como as cenas precisavam carregar mais do que apenas função dramática: elas também sustentavam uma lógica de funcionamento do universo.

Essa característica tornou o processo desafiador. Em vez de cenas com início, meio e fim baseadas unicamente em conflito e resolução, o roteiro passou a demandar momentos em que o **funcionamento da F.R.I.O fosse visível, sensorial e inteligível** para o espectador, sem que isso soasse expositivo ou travasse o ritmo. Foi necessário encontrar equilíbrio entre a **ação narrativa** e a **densidade descritiva do universo**. Decidir o que mostrar, como mostrar, e em que ponto da trama inserir essas informações sem didatismo, exigiu **contenção e reescrita**.

Por exemplo, um dos sistemas centrais da obra é o da **autenticação térmica**: um sistema biométrico que usa a assinatura de temperatura corporal para liberar acessos na infraestrutura da F.R.I.O. Cada técnico carrega, em sua pele, uma “impressão térmica” única, usada para validar comandos nos terminais. O personagem Noel, ao usar um módulo portátil de resfriamento, deixa um traço térmico que Aruna consegue clonar com um dispositivo improvisado, permitindo que ele se infiltre no sistema como se fosse outro técnico.

Esse tipo de elemento, mesmo sendo sutil, exige tempo de tela, encenação e sugestão, não é o tipo de tecnologia que se explica com uma fala rápida. Por isso, **a ação dramática muitas vezes precisou desacelerar**, para que o universo seguisse coerente. E isso, por vezes, ia contra a expectativa de fluidez típica de roteiros mais convencionais. Outro exemplo é o **dispositivo rebelde**, construído com peças reaproveitadas de módulos da F.R.I.O. Ele não gera frio, mas **falsifica dados térmicos**, simulando presenças ou ausências que não existem. Funciona com três funções principais:

1. Intercepta leituras térmicas em zonas fora da malha;
2. Simula presenças para enganar sensores;
3. Insere microfalhas que geram recalibrações automáticas erradas no sistema central.

O dispositivo não derruba o sistema, ele **o engana para que ele mesmo se corrompa**. Ao manipular os parâmetros do que o sistema considera “normal” ou “anomalia”, o código rebelde inverte a lógica de vigilância: zonas falsas passam a ser consideradas estáveis e zonas reais são tratadas como ruído. Isso não gera um colapso imediato, mas algo mais perigoso para uma corporação como a F.R.I.O: a **perda de confiabilidade**. Um sistema que opera com base em dados errados, sem saber que estão errados, **é um sistema que já perdeu o controle, mesmo que ainda funcione por fora**.

Mostrar esse tipo de estrutura narrativa, onde o **sistema se autossabota**, exigiu que o roteiro criasse tempo e espaço para que o espectador acompanhasse não apenas o que acontece, mas **como acontece e por que acontece**. Isso impactou o ritmo, a escolha das cenas e, sobretudo, a forma de desenvolver conflitos, que são mais climáticos e silenciosos do que visíveis e explosivos.

#### **4. PRÓXIMAS ETAPAS**

O Trabalho de Conclusão de Curso, para além de seu caráter avaliativo, foi uma oportunidade concreta de tirar do campo das ideias um projeto em que realmente acredito. *Calor dos Inferno* nasceu de uma experiência cotidiana, mas se transformou em universo, trama e linguagem, e o processo de construir esse roteiro, estruturar seu mundo e dar corpo às suas tensões sociais e afetivas me abriu um campo criativo que não se encerra com a entrega

deste documento. Pelo contrário: o TCC funcionou como **ponto de partida para o que ainda está por vir**.

Com base na orientação contínua de **Buccini**, que acompanhou o desenvolvimento com escuta crítica, provocando questões importantes sobre ritmo, densidade simbólica e coerência dramática, já consigo visualizar novas camadas que podem ser desenvolvidas. A principal delas é o aprofundamento da relação entre **Noel e o núcleo de resistência** liderado por Aruna. Durante a escrita, essa relação surgiu como ponto de contato entre dois mundos: o técnico do sistema e os corpos queimados da periferia. Mas é possível explorar ainda mais os conflitos de confiança, as contradições internas da resistência e as hesitações de Noel diante da possibilidade de ruptura real.

Além disso, há espaço para **ampliar as ações dramáticas**, principalmente no segundo e terceiro atos. A história tem potencial para incorporar mais cenas de infiltração, falhas do sistema, choques de informação, sabotagens técnicas pontuais e reorganizações internas da F.R.I.O, tudo sem abrir mão do tom contemplativo que define a obra. O objetivo é manter o equilíbrio entre mundo simbólico e ação concreta, reforçando a ideia de que o colapso não vem por explosão, mas por desgaste, infiltração e perda de controle.

A partir de agora, o foco se volta para o **desenvolvimento profissional e expansão do projeto**. Entre os próximos passos, estão:

- **Laboratórios de Roteiro:** participar de laboratórios especializados será fundamental para refinar o roteiro com base em leitura crítica profissional, testar a força dramática da estrutura e expandir o desenvolvimento dos personagens e subtramas. Essa etapa permitirá também pensar o roteiro em outros formatos;
- **Submissão a Editais de Financiamento**, como o **Funcultura**. A proposta se alinha ao interesse crescente por ficções especulativas com marca local e crítica política, o que pode ser um diferencial competitivo nos processos seletivos;
- **Rodadas de Negócio e Pitchings Criativos**, onde o roteiro pode ser apresentado a produtoras, plataformas, diretores e artistas visuais. Como o projeto possui um mundo interno estruturado, com regras, tecnologias e hierarquia própria, existe a possibilidade de articulações transmídia, da obra principal até materiais derivados,

como quadrinhos, jogos narrativos, animações curtas ou experiências imersivas;

- **Registro na FBN (Fundação Biblioteca Nacional):** o roteiro será formalmente registrado como obra intelectual, garantindo proteção autoral e reforçando a seriedade do projeto nas etapas seguintes.

Em resumo, o TCC foi **semente e território de teste**. Agora, com uma base sólida construída, o projeto segue em mutação. O roteiro está finalizado, mas a história ainda não está. Com orientação acadêmica que desafia e enriquece o texto, e com o desejo de manter a escuta aberta às próximas leituras e colaborações, *Calor dos Inferno* está pronto para circular, crescer e, principalmente, continuar queimando, por dentro do sistema que o inspirou.

CALOR DOS INFERNOS

Escrito por

Analice Bezerra

analice.bezerra@ufpe.br  
+55 (81) 9 8279 4887

FADE IN:

**INT. REDOMA - DIA**

A redoma translúcida se ergue, um invólucro de vidro reforçado que separa o ambiente estéril do mundo exterior. No centro, um caixão metálico repousa sobre uma plataforma suspensa. O metal escuro, sem adornos, absorve a luz fria que emana dos painéis no teto.

Ao redor, figuras encapuzadas permanecem imóveis. Algumas vestem túnicas de tecido vermelho que arrastam no chão liso. Outras, cobertas por macacões de látex vermelho, brilham sob a iluminação artificial, refletindo a luz em contornos distorcidos. Seus rostos continuam ocultos sob capuzes e máscaras lisas, sem traços visíveis.

A plataforma desliza sobre trilhos magnéticos, conduzindo o caixão até a câmara criogênica embutida na parede. O painel frontal se abre. Uma névoa densa se espalha pelo chão. Pequenos braços mecânicos emergem, encaixando o caixão com precisão antes que a tampa deslize de volta e o selo hermético se ative.

Além da redoma, o deserto árido se estende até onde a vista alcança. O solo rachado forma padrões irregulares sobre a terra dura. Dunas pálidas se acumulam contra os destroços de antigas estruturas metálicas corroídas.

CORTA PARA:

**EXT. BECO DA FORNALHA - DIA**

Letreiros digitais piscam: 45°C. Os números tremulam na tela embaçada, a tinta do visor queimada pelo sol constante. Casas de concreto rachado se alinham na passagem estreita, paredes cobertas de fuligem e poeira incrustada. Canos enferrujados serpenteiam pelas fachadas, alguns pingando um líquido escuro em poças secas no chão áspero.

Portas improvisadas com placas de metal retorcido rangem levemente. Algumas são mantidas no lugar por correntes pesadas, outras apenas encostadas, revelando interiores escuros e abafados. Ventiladores enferrujados giram devagar, suas hélices tortas deslocando pouco ar.

Panos úmidos, pendurados nas janelas, escorrem gotas sobre o concreto áspero. Algumas evaporam antes de tocar o chão, outras formam trilhas de sujeira nas paredes antes de desaparecerem.

Fios elétricos expostos atravessam a rua como teias improvisadas, presos a postes inclinados. Mais adiante, uma pilha de sucata reflete o sol intenso, o metal retorcido brilhando em tons dourados e alaranjados. Restos de máquinas obsoletas, um televisor antigo com a tela derretida e um capacete queimado largado entre os escombros.

#### **INT. CASA DE NOEL - COZINHA - DIA**

Paredes azul-claro desgastadas com pequenas rachaduras finas no concreto. Um calendário amarelado pendurado ao lado de um relógio de plástico parado. Acima da mesa, uma imagem de um homem com cabelos brancos alinhados caindo até os ombros e olhos escuros vestindo um manto branco longo.

A mesa de madeira, marcada por cortes e manchas, ocupa o centro do espaço. Três cadeiras de plástico ao redor. Sobre a mesa, um prato de alumínio com arroz e feijão.

NATALINA, mulher de 50 anos, pele parda, rosto vincado, cabelo grisalho bem preso sob um lenço dobrado, se move pela cozinha segurando um prato de alumínio com arroz e feijão. Ela atravessa o pequeno espaço e coloca o prato sobre a mesa.

NATALINA

Noel!

NOEL, homem de 20 anos, pele parda e cabelo platinado curto, surge no batente da porta, vestindo a farda da F.R.I.O. O emblema da organização está bordado no ombro. Caminha até a mesa, puxa a cadeira e encara o prato.

Antes que possa pegar o garfo, Natalina puxa um pano de prato, dobra rapidamente e enfia na gola do uniforme dele, pendurando como um babador improvisado.

NATALINA (CONT'D)

Pra não sujar.

Noel pega o garfo e finca no arroz, misturando com o feijão. Leva a primeira garfada à boca.

NOEL

Não acredito... geladinho, do jeito que eu gosto.

NATÁLIA, garota de 15 anos, pele parda, cabelo cacheado curto, sentada na outra ponta da mesa, observa a cena com um sorriso. Ela se inclina para frente, cutucando a beirada do prato de Noel com a ponta do dedo.

NATÁLIA

Ah, só o Noelzinho que vai comer gelado?

NATALINA

Quando você for pra F.R.I.O, ganha o seu também.

Noel termina a última garfada, raspa o fundo do prato com o garfo. Solta um suspiro satisfeito.

Levanta-se, tira o pano de prato da gola e joga sobre a mesa.

Se inclina sobre Natalina, dá um beijo rápido no topo da cabeça da mãe. Depois, vira-se para Natália e bagunça os cachos dela com a mão antes de estalar um beijo na testa.

NOEL

Tô indo!

Já a caminho da porta, dá um passo apressado, quase correndo.

NATALINA

Vai com Frio, menino!

#### **EXT. BECO DA FORNALHA - DIA**

BAFUDO surge tropeçando. Magro, pele curtida pelo sol, barba rala e desgrenhada. A camisa aberta, o tecido desbotado e colado ao peito pelo suor. A calça de linho amarelado está gasta, puída na barra, segurada por um cinto de couro rachado. Os pés estão enfiados em sandálias de borracha quase sem solado.

Ele arqueia as costas, estreita os olhos e berra para ninguém em específico:

BAFUDO

Calor dos inferno!

Noel caminha. A farda térmica envolve seu corpo, um tecido sintético escuro, revestido com microcélulas de resfriamento que dissipam o calor antes que toque a pele. Pequenos módulos de refrigeração embutidos no uniforme vibram levemente.

Bafudo cruza o caminho de Noel, encara a farda por um instante. O canto da boca se contrai, soltando um riso rouco. Segue adiante, balançando os braços.

BAFUDO (CONT'D)

Calor dos inferno!

Noel ajusta a gola da farda. Continua andando.

**INT. VAN DA F.R.I.O - DIA**

Noel se acomoda no assento rígido, ajustando a farda. No painel dianteiro, um visor digital exibe dois números brilhantes: Temperatura Social: 45°C. Temperatura Interna: 30°C. O ar-condicionado emite um zumbido baixo, os ventiladores espalham o ar pelo interior do veículo.

Os outros funcionários da F.R.I.O permanecem calados. Sentados em fileiras opostas, todos vestem a mesma farda térmica, o emblema bordado no ombro. Alguns seguram pastas metálicas, outros descansam as mãos sobre as coxas. Nenhum desvia o olhar para o lado.

Pela janela estreita, a cidade passa em quadros fragmentados. Prédios rachados cobertos de fuligem. Postes inclinados, fios pendurados. Comércio antigos de placas desbotadas. Nenhum movimento nas ruas. O calor distorce o horizonte, criando ondas sobre o asfalto.

**EXT. COMPLEXO DA F.R.I.O - PORTÕES - DIA**

A van da F.R.I.O aproxima-se de um portão colossal de aço branco polido, sua superfície refletindo o sol intenso. Estruturas metálicas ao redor deslizam em sincronia, formando um sistema de contenção hermético que veda qualquer resquício de calor.

Sensores térmicos piscam em azul, varrendo a van de ponta a ponta. Pequenos braços mecânicos emergem das laterais, ajustando-se como agulhas, registrando cada detalhe da temperatura da cabine. O painel externo exibe códigos piscando em sequência antes da liberação.

O portão começa a se abrir, as camadas deslizando lentamente e revelando um corredor pressurizado, cercado por paredes brancas e lisas, sem pontos de acesso visíveis. A van atravessa. O portão se fecha atrás dela com um selo hermético.

À frente, o complexo da F.R.I.O ergue-se. Estruturas geométricas brancas, torres altas sem janelas, passarelas suspensas conectando edifícios idênticos.

**INT. VAN DA F.R.I.O - DIA**

O visor digital exibe a temperatura interna, os números caindo gradativamente conforme a van avança pelo complexo. O sistema de refrigeração recalibra automaticamente, liberando um fluxo contínuo de ar frio pelas saídas de ventilação.

Visores holográficos piscam nos painéis, exibindo fluxos de dados. Gráficos pulsantes analisam os níveis de refrigeração. Códigos em rolagem detalham a variação térmica entre o interior e o exterior.

Um bip eletrônico soa.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)  
Ajustando pressão interna. Ambiente estabilizado. Nível de resfriamento otimizado.

O visor digital fixa-se em 20°C.

Noel observa pela janela. Estruturas brancas imaculadas, passarelas suspensas, torres altas sem janelas. Nenhum resíduo, nenhuma poeira no chão liso. Apenas superfícies uniformes, marcadas por discretas etiquetas numéricas.

A van passa por um pórtico metálico onde drones esféricos monitoram a entrada. Lentes vermelhas piscam, acompanhando o veículo até que desapareça no corredor seguinte.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)  
Mantenham-se nas áreas designadas.  
Controle térmico em plena operação.

#### **EXT. COMPLEXO DA F.R.I.O - ESTACIONAMENTO - DIA**

A van desacelera e para em um pátio vasto, onde outras viaturas idênticas estão perfeitamente alinhadas. No alto, tubulações gigantes liberam vapor gelado, dissipando o calor residual. As portas deslizam para os lados e os funcionários desembarcam.

Ao lado do veículo, guardas da F.R.I.O monitoram telas holográficas onde assinaturas térmicas dos passageiros brilham em tons azulados. Pequenos alto-falantes embutidos em seus capacetes emitem vozes monótonas e robóticas.

VOZ AUTOMATIZADA  
Identificação confirmada. Fluxo de entrada autorizado.

GUARDA (V.O.)  
Arthur Correia. Isabela Nascimento.  
Tiago Machado.

Noel desce da van.

GUARDA (V.O.)  
Noel Neves.

Ele cruza a linha de segurança, sentindo um breve sopro frio vindo do scanner embutido no solo. Sensores ajustam a leitura térmica de seu corpo, recalibrando sua presença no sistema.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)  
 Temperatura estabilizada. Bem-vindo  
 ao Complexo da F.R.I.O.

Noel segue os outros funcionários, sua respiração formando uma fina névoa no ar refrigerado.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - CORREDORES - DIA**

LILA, rosto anguloso, olhos pretos, cabelos presos em um coque impecável, corpo esguio com um uniforme ajustado ao porte firme caminha à frente, conduzindo Noel e os outros recrutas pelos corredores iluminados.

Telas embutidas nas paredes exibem relatórios de consumo energético e status de resfriamento, gráficos pulsantes atualizando em tempo real. O chão metálico abafa qualquer ruído.

Lila para e se vira para o grupo.

LILA  
 Meu nome é Lila. Sou responsável  
 pela adaptação de novos  
 funcionários no Complexo da  
 F.R.I.O. A partir de agora, vocês  
 não são apenas indivíduos. São  
 parte de um sistema.

Ela continua andando e a turma acompanha.

LILA (CONT'D)  
 Cada setor possui níveis  
 específicos de controle térmico.  
 Não há margem para erro. Um grau a  
 mais ou a menos pode desequilibrar  
 tudo.

Eles passam por uma janela panorâmica. Do outro lado do vidro reforçado, o núcleo da F.R.I.O se revela. Tubulações gigantescas expõem vapor frio em intervalos regulares, suas estruturas metálicas cobertas por camadas de condensação.

LILA (CONT'D)  
 O frio precisa ser exato. É isso  
 que mantém a estabilidade. Alguns  
 de vocês vão falhar, porque nem  
 todos estão prontos para  
 compreender isso.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE ORIENTAÇÃO - DIA**

A sala ampla e silenciosa é dominada por telões holográficos, projetando fluxos constantes de dados sobre o controle térmico da cidade. Gráficos pulsantes destacam setores refrigerados e áreas sem refrigeração, separando com precisão matemática os limites do frio.

Os recrutas se posicionam diante de uma plataforma central. Lila avança, as mãos cruzadas atrás do corpo. Com um toque no painel, uma projeção holográfica se eleva no centro da sala.

A imagem de um homem de cabelos brancos alinhados e olhos escuros, envolto em um manto branco.

LILA

Doutor Flutner. Fundador da F.R.I.O  
e a razão pela qual ainda  
existimos.

O holograma paira sobre o grupo.

LILA (CONT'D)

Graças à sua visão, ao invés do  
colapso, tivemos um novo começo.  
Ele estabeleceu as diretrizes do  
controle térmico, definiu os  
protocolos que seguimos até hoje.

O holograma se dissolve, dando lugar a um mapa setorizado da cidade. As áreas refrigeradas brilham em azul. O restante pulsa em vermelho.

LILA (CONT'D)

A F.R.I.O mantém essa divisão. Cada  
setor recebe o frio necessário, e  
qualquer variação pode comprometer  
o sistema. Se há desperdício em um  
ponto, outro terá que pagar o  
preço.

Os gráficos detalham níveis de consumo, enquanto pequenos ícones piscam sobre pontos críticos.

LILA (CONT'D)

Agora, vamos ver as tecnologias  
presentes e como vocês vão operá-  
las.

## INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - PAVILHÃO CLIMÁTICO - DIA

As portas se abrem para uma sala ampla e bem iluminada, dominada por plataformas metálicas onde dispositivos de controle térmico estão expostos.

Lila caminha à frente, os recrutas a seguem. Conforme se aproximam dos equipamentos, hologramas se ativam, projetando dados técnicos e simulações de funcionamento.

LILA

Aqui estão algumas das tecnologias que sustentam a F.R.I.O. Todos vocês precisarão conhecê-las, operá-las e, para os mais qualificados, aperfeiçoá-las.

Ela para ao lado do primeiro dispositivo: um ventilador termorregulador fixado a uma base metálica. Diferente dos ventiladores comuns, ele não resfria o ambiente, apenas filtra e redistribui partículas térmicas, impedindo que o calor se concentre em um único ponto. O holograma exibe sua funcionalidade em tempo real.

LILA (CONT'D)

Isto não reduz a temperatura. Ele apenas impede que ela se torne insuportável. Uma forma de manter certas zonas em equilíbrio sem comprometer a distribuição do frio.

Ela segue até um compartimento escuro. Dentro, uma caixa de resfriamento acoplada se ilumina. Pequena, portátil, pode ser fixada em paredes ou móveis. O holograma revela seu sistema interno, absorvendo calor e mantendo o ambiente climatizado.

LILA (CONT'D)

Este, por outro lado, realmente altera a temperatura. Mas apenas onde é permitido. Nenhuma unidade pode ser instalada sem autorização.

Lila avança até uma estrutura metálica embutida no chão. Hologramas ativam barreiras invisíveis ao redor dela.

LILA (CONT'D)

As barreiras de contenção térmica. Elas definem a linha entre os setores refrigerados e as que não são. Invisíveis a olho nu, mas detectáveis pelos sensores. Elas garantem que o frio permaneça onde deve estar.

Ela se aproxima de uma vitrine fechada. Dentro, um manequim revestido com um tecido fino e flexível.

LILA (CONT'D)

A Exopele Frigorífica. Tecnologia experimental. Capaz de manter a temperatura do corpo estável sem refrigeração externa.

A última plataforma se ilumina. No centro, um holograma tridimensional se projeta, exibindo um cilindro metálico gigantesco enterrado no subsolo da cidade.

LILA (CONT'D)

O Núcleo Regulador Absoluto. Tudo passa por ele. Nenhum grau de frio é distribuído sem sua autorização.

Os recrutas observam o holograma do núcleo, seu diâmetro colossal ocupando a base inteira da projeção.

LILA (CONT'D)

Sem ele, não existiria F.R.I.O. Sem ele, não existiria equilíbrio.

O holograma se dissolve. Lila encara os novos recrutas por um instante.

LILA (CONT'D)

Em breve, vocês verão essas tecnologias em ação.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - REFEITÓRIO - DIA**

Noel e os recrutas entram no refeitório. Mesas alinhadas em fileiras idênticas, ocupadas por funcionários que comem em silêncio.

Noel desliza sua bandeja pelo balcão automatizado. O sistema escaneia seu perfil e libera uma porção exata. Cubos translúcidos de proteína sintetizada, com superfície lisa e gelada. Arroz branco prensado em formas geométricas perfeitas, sem grãos soltos. Vegetais imersos em uma solução fria, preservados sem perder a cor.

Ele se senta. O visor na parede exibe duas temperaturas: 45°C em vermelho. 20°C em azul. Noel finca o garfo em um dos cubos translúcidos. O arroz prensado dissolve rápido, os vegetais mantêm uma crocância artificial.

Outros funcionários terminam suas refeições. Sem hesitação, levantam-se, depositam as bandejas no dispensador e saem em fileiras organizadas.

Um alarme eletrônico soa no ambiente. Uma voz robótica ecoa pelos alto-falantes.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)  
Horário de refeição encerrado.  
Funcionários devem desocupar o  
refeitório imediatamente.

Noel mastiga a última porção enquanto se levanta. Sua bandeja desliza para dentro do dispensador automático. O visor da parede agora exhibe tempo esgotado. Ele sai junto aos outros recrutas.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE ORIENTAÇÃO - DIA**

O mapa tridimensional da região se expande na parede holográfica, revelando a divisão exata entre as zonas climáticas. As cidades aparecem destacadas, cada uma separada por barreiras invisíveis, delimitando onde o frio e o calor dominam.

No centro, Coração Branco, a sede administrativa da F.R.I.O, impecável e isolada. Ao sul, cercada por segurança térmica e barreiras climáticas, Baía de Vidro, onde os mais ricos vivem sob temperaturas controladas, protegidos do calor social. Mais acima, Esgelo e Monte Áureo, cidades onde a neve artificial cobre as ruas e a estabilidade térmica nunca falha.

Ao norte, mal representada no holograma, Cinza Brava, um aglomerado à margem do sistema. No centro do mapa, Fornalha domina a maior parte do território, pulsando em vermelho intenso. Nos limites do território, duas cidades piscam em tons escarlates: Solene e Triz do Inferno.

O mapa reduz o foco, concentrando-se em Baía de Vidro. Suas estruturas refrigeradas brilham em azul, destacando os pontos de manutenção térmica e as barreiras invisíveis que garantem sua separação do restante da cidade.

Lila se posiciona diante do grupo, os olhos fixos na projeção.

LILA  
Amanhã será o primeiro dia em  
campo. Vocês irão para Baía de  
Vidro.

Ela toca o holograma e dados de segurança térmica se sobrepõem à imagem da cidade.

LILA (CONT'D)

Baía de Vidro depende de controle constante. A temperatura ali não se regula sozinha. Todo resfriamento precisa ser monitorado, ajustado e mantido dentro dos parâmetros.

O mapa amplia os pontos de controle, onde barreiras térmicas são monitoradas.

LILA (CONT'D)

Observem os limites. O frio nunca atravessa sem autorização. Vocês aprenderão isso na prática.

Ela desativa o holograma, encarando os recrutas.

LILA (CONT'D)

Por hoje, é só.

#### **EXT. BECO DA FORNALHA - NOITE**

Noel caminha. O asfalto vibra com o calor retido do dia. O vapor sobe das grelhas de ventilação subterrânea, formando ondulações distorcidas no ar.

Barracos metálicos refletem o brilho avermelhado dos postes enferrujados, alguns piscando instáveis. Portas improvisadas com placas de ferro rangem ao menor toque do vento quente. Ventiladores gastos giram devagar.

Adiante, uma bica quebrada pinga água barrenta, evaporando antes de tocar o chão. Um homem sentado sob um toldo improvisado empurra um pano úmido contra o rosto. Noel passa por um grupo reunido sob um poste piscante. Silhuetas sentadas em caixas de metal, rostos semicerrados, acompanhando seu caminho com olhares furtivos.

A luz pisca uma última vez e se apaga. Noel segue em frente.

#### **INT. CASA DE NOEL - SALA - NOITE**

O ventilador fraco oscila para os lados. A luz amarelada da lâmpada tremula levemente. Natalina e Natália esperam na sala. Natalina sentada, mãos cruzadas sobre o colo. Natália, inquieta, mexe no tecido do sofá remendado.

A porta range. Noel entra. Mal tem tempo de reagir antes de ser abraçado por Natalina.

NATALINA

Estava esperando você.

Natália logo se aproxima e se joga sobre ele.

NATÁLIA

Até que enfim, senhor F.R.I.O! Vai esquecer da gente agora?

Noel ri. Afrouxa a gola da farda e se joga no sofá, passando a mão na testa úmida de suor.

NOEL

Quente como sempre.

Natalina caminha até um copo de alumínio sobre a mesa e o entrega a Noel.

NATALINA

Bebe. Tá morno mas é o que tem.

Ele bebe.

NATALINA (CONT'D)

E então? Como foi?

Noel encara o ventilador, que insiste em girar, empurrando o calor de um lado para o outro.

NOEL

Frio.

Natalina e Natália trocam olhares. Natália cutuca o braço dele.

NATÁLIA

E aí? O que tem lá dentro? Fala logo!

Noel respira fundo, encara a irmã e solta um leve sorriso cansado.

NOEL

Amanhã eu conto.

CORTA PARA:

**EXT. PRAÇA CENTRAL - TELÃO DE PROPAGANDA - DIA**

O telão gigante domina a praça, exibindo imagens de RÚSSEL e PRÚSSIA, os irmãos gêmeos que comandam a administração térmica da cidade. Ruivos, os cabelos perfeitamente alinhados, pele pálida sem marcas do sol. Os olhos, um tom de âmbar apagado sob a iluminação controlada dos estúdios.

## RÚSSEL

Compromisso com a qualidade de vida.

## PRÚSSIA

Regulação para um futuro sustentável.

As vozes ecoam pelos alto-falantes embutidos nas estruturas metálicas. O público assiste em silêncio por um instante antes que os primeiros aplausos se espalhem pela multidão.

No telão, gráficos ilustram níveis de resfriamento, estatísticas de controle térmico e projeções climáticas futuras. Uma animação destaca a redução de 1 grau na temperatura social em setores externos, sinalizada com uma linha azul fina atravessando o mapa.

Drones flutuam acima da praça, ajustando ângulos, capturando a recepção da mensagem.

**EXT. VAN DA F.R.I.O - DIA**

A van da F.R.I.O aproxima-se dos portões altos e brilhantes que cercam Baía de Vidro. O metal polido reflete a luz estável do setor, livre das distorções causadas pelo calor. Sensores térmicos piscam em azul, analisando a temperatura do veículo antes da liberação. Pequenos braços mecânicos se ajustam nas laterais do portão, recalibrando os parâmetros de entrada.

No painel interno, um visor holográfico exibe a transmissão institucional em tempo real. O logo da F.R.I.O pulsa no canto da tela enquanto um repórter de voz precisa e sem emoção narra o pronunciamento.

## REPÓRTER (V.O.)

Em comunicado oficial, os gêmeos Flutner reforçaram a importância da estabilidade térmica e do compromisso com o controle climático. As diretrizes atualizadas, incluindo a redução de 1 grau na temperatura social em setores externos, entrarão em vigor nos próximos ciclos operacionais.

A transmissão intercala imagens de Rússel e Prússia acompanhadas de gráficos e estatísticas de regulação térmica.

O portão desliza lentamente, revelando ruas amplas e limpas, cercadas por vegetação artificial.

Árvores simétricas e jardins meticulosamente cuidados alinham-se ao longo do caminho enquanto Noel observa pela janela estreita. As ruas são largas, o chão liso e bem mantido. As estruturas brancas e minimalistas refletem a luz controlada. Fontes ornamentais espalham finas névoas de água gelada.

REPÓRTER (V.O.)

A administração reforça que qualquer anomalia térmica será tratada com rigor absoluto, garantindo que o frio permaneça onde deve estar.

Noel continua olhando. Algumas pessoas caminham pelas calçadas, suas roupas leves e bem ajustadas ao clima. Nenhuma pressa. A van avança.

#### **EXT. BAÍA DE VIDRO - RUAS INTERNAS - DIA**

Noel desce da van.

Casas de arquitetura minimalista alinham-se em fileiras simétricas. À frente, um terminal holográfico se ativa automaticamente. Sensores térmicos fazem uma varredura silenciosa, captando a assinatura térmica dos agentes. Um bip eletrônico confirma a validação.

Noel sente o sopro frio do scanner embutido no solo ajustando sua leitura corporal.

MARCONDES, líder da operação, homem alto, cabelos grisalhos bem cortados e uniforme impecável da F.R.I.O, segura um tablet holográfico. Ele não olha diretamente para Noel quando fala.

MARCONDES

Neves. Casa 72-B. Relatório de estabilidade térmica. Verifique os níveis, regule se necessário e reporte qualquer anomalia.

Noel ajusta a gola da farda, respira fundo e segue pelo caminho definido.

#### **INT. BAÍA DE VIDRO - RESIDÊNCIA DE ALTO PADRÃO - DIA**

As superfícies são limpas e simétricas. O chão, brilhante sob luz branca uniforme, contrasta com tapetes espessos. Moradores circulam devagar, vestindo casacos longos de látex impermeável, lacrados por botões metálicos.

Alguns usam mantos forrados de pele animal, com golas altas e punhos justos, costurados com fios térmicos. Uma MULHER DO ROBE AZUL levanta a mão, irritada.

MULHER DO ROBE AZUL  
Essa história de reduzir a temperatura social, um absurdo completo.

Um HOMEM DA MANTA, envolto até o pescoço em uma fibra térmica programável, solta um riso seco.

HOMEM DA MANTA  
Concessões criam precedentes perigosos. Primeiro é um grau. Depois, vão querer direitos. E logo estarão exigindo gelo.

Um SENHOR DA POLTRONA, acomodado sobre um assento coberto de pelo sintético, suspira.

SENHOR DA POLTRONA  
E se isso comprometer o fornecimento? Eu pago caro por estabilidade. Não é justo nivelar por baixo.

A Mulher do Robe Azul puxa a echarpe de seda térmica.

MULHER DO ROBE AZUL  
Esse povinho devia agradecer. Devem estar se abanando de felicidade agora, como se isso mudasse alguma coisa.

O grupo ri. Um ATENDENTE DOMÉSTICO, vestindo uniforme liso, atravessa a sala carregando uma bandeja de prata. Sobre ela, cubos translúcidos caem nos copos. Ele para diante de Noel.

ATENDENTE DOMÉSTICO  
A unidade de controle térmico está no subsolo. Segunda porta à direita.

Noel acena. Os cubos de gelo tocam o líquido. O riso continua.

#### **EXT. BAÍA DE VIDRO - UNIDADE DE CONTROLE TÉRMICO - DIA**

Noel e outro técnico da F.R.I.O, GADELHA, se aproximam de uma estrutura discreta, embutida entre residências idênticas. A fachada é lisa, sem janelas. Um painel de vidro fosco na lateral se ativa à aproximação.

Um scanner térmico se ativa, projetando uma faixa de luz azul que percorre o solo, passando sob os pés dos dois. O sistema identifica as assinaturas térmicas e libera o painel. A casa aparece em modelo tridimensional. Cada cômodo marcado por ícones azuis fixos.

GADELHA

Tudo dentro do previsto... Aqui não treme um grau desde a instalação.

Noel desliza o dedo sobre a projeção, ampliando a área do segundo pavimento. Os tubos condutores aparecem em linha fina.

NOEL

Sistema respirando bem. Circulação constante.

No canto inferior, dados complementares rolam. Temperatura média: 19.8°C. Pressão interna: regulada. Fluxo energético: estável.

GADELHA

Nenhum desvio nas últimas 72 horas. Refrigeração linear. Até o jardim traseiro tá com o solo calibrado.

Noel confirma com um toque. O sistema responde. O painel volta ao modo de repouso.

NOEL

Seguindo para o próximo.

Os dois se afastam.

CORTA PARA:

#### **INT. ZONA FUNDIDA - SUBESTAÇÃO DE RESFRIAMENTO - DIA**

Noel, Gadelha e outros técnicos da F.R.I.O atravessam o pátio irregular e rachado. A estrutura, de metal antigo, exhibe ferrugem nos cantos e placas tortas presas por ganchos enferrujados. O ar vibra sobre o solo quebrado e gotas de suor descem pelas têmporas dos técnicos.

GADELHA

Apagão térmico justo na vez da Baía de Vidro. Quase acreditei que ia passar o dia calibrando sombra... Não queria me misturar agora.

Noel não responde, atento aos painéis de controle, cujas telas piscam em alerta. Pelo visor lateral da subestação, ele observa os moradores amontoados do lado de fora.

Os técnicos se dividem. Linhas de resfriamento são reativadas. Gadelha lida com os conectores externos enquanto Noel monitora o fluxo principal. As máquinas reagem com lentidão. Estalos metálicos ecoam pelas paredes. Os painéis holográficos voltam aos poucos, exibindo zonas de temperatura estabilizando em tons azul-acinzentados.

Silêncio. Alguém grita.

VOZ (O.S.)

Já chega!

Os técnicos começam a guardar os equipamentos. Noel fecha o último painel. A porta metálica vibra com um impacto. Outro golpe. Depois outro. Pés arrastam na poeira. Vozes baixas se aproximam.

A porta se abre de repente. ARUNA surge. Usa roupas escuras cobertas de fuligem, o tecido colado à pele pela poeira e suor. Os braços estão descobertos, queimados de sol. O cabelo preso de forma improvisada com tiras de pano. Atrás dela, um grupo de jovens, seis ao todo. Todos magros, de roupas gastas e pele ressecada.

Um técnico tenta recuar. Um jovem avança e o segura com firmeza, rasgando a manga da farda térmica. Noel e Aruna se encaram. Ela avança, puxa o capuz térmico de um dos técnicos e arranca os fechos. O alarme do posto dispara, agudo.

Aruna agarra um módulo de resfriamento portátil preso à parede lateral e corre. Os técnicos tropeçam para fora da estrutura, protegendo o que ainda vestem.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE REUNIÕES - DIA**

A sala é ampla, inteiramente branca. Sem janelas. No centro, uma mesa de vidro opaco atravessa o espaço. Por baixo, correm cabos embutidos e feixes de fibra térmica. Acima, painéis holográficos giram, exibindo imagens da Zona Fundida com mapas climáticos, níveis de resfriamento e dados do apagão recente.

Lila está de pé ao lado do painel principal. Usa farda formal da F.R.I.O, gola alta, insígnia prateada no peito. Move os dedos pela projeção, reorganizando os dados. Um dos gráficos se amplia. A imagem de Aruna aparece. Cadastrada. Classificada. Abaixo, a inscrição: assinatura térmica identificada, Setor Norte, Registro nº 318.

Outros rostos se sobrepõem à ficha, alguns com identificação incompleta. O sistema agrupa todos como vínculos recorrentes.

Nas extremidades da mesa, sentados em cadeiras ergonômicas negras, estão Rússel e Prússia. Uniformes simétricos, ele em grafite fosco, ela em branco perolado.

LILA

O apagão gerou queda térmica de 2.4 graus em 4 quadras. Tempo de resposta: 11 minutos.

Ela amplia a linha do tempo. A invasão aparece como um pico de variação.

LILA (CONT'D)

A célula subversiva não rompeu o ciclo. Houve roubo de um módulo portátil. A unidade da residência 72-B continua operando.

RÚSSEL

Impacto?

LILA

Desprezível. A zona foi estabilizada em 3 fases. O núcleo não os considera ameaça funcional.

Ela navega até a ficha de Aruna. A assinatura térmica se repete em 7 ocorrências nos últimos 12 ciclos operacionais. Sempre nos limites da Zona Fundida.

PRÚSSIA

Olhos treinados. Ela não improvisa.

LILA

Segmentação por intenção. Sempre módulos. Sempre estruturas vulneráveis. Nenhum ataque direto ao sistema central.

RÚSSEL

Então ela sabe até onde pode ir.

Lila projeta uma curva térmica. A linha desce, marca a perda de temperatura no perímetro sul. Em seguida, se reequilibra. Tudo volta ao padrão.

LILA

Compensação automática. Nenhuma falha. Nenhuma exposição.

PRÚSSIA

Povo com sede corre atrás da própria sombra. Sempre foi assim.

Lila reorganiza os dados. A imagem de Aruna reaparece no painel, marcada com um círculo azul.

LILA

Ela é padrão recorrente. Já está incorporada à estatística.

RÚSSEL

Deixe queimar.

Prússia apenas inclina o rosto. O holograma se apaga com um estalo. A mesa retorna ao branco absoluto.

CORTA PARA:

**EXT. COMPLEXO DA F.R.I.O - ÁREA DE EMBARQUE - DIA**

Vans térmicas aguardam em fileiras simétricas, conectadas a dutos de carregamento e módulos de calibragem automática. Sensores escaneiam o solo. Noel se aproxima de uma das baias, onde um TÉCNICO LOGÍSTICO lhe entrega um terminal portátil.

TÉCNICO LOGÍSTICO

Posto de controle 6C. Cinza Brava.  
Inspeção de redundância térmica.  
Duração de uma noite.

O técnico o observa por um instante.

TÉCNICO LOGÍSTICO (CONT'D)

Tem fardas suficientes?

NOEL

Tenho, senhor.

TÉCNICO LOGÍSTICO

O sistema ainda processa ajustes no perímetro. Verifique qualquer instabilidade fora do padrão.

Noel consulta a designação, depois caminha até a van. O motor já está ativo. Noel embarca. A porta se fecha.

**INT. VAN DA F.R.I.O - DIA**

O veículo avança por uma estrada irregular. As linhas geométricas da F.R.I.O desaparecem à medida que o entorno se torna áspero, inclinado e desgastado. Torres tortas se projetam no horizonte, dutos metálicos corroídos atravessam o terreno seco e placas afundadas indicam antigas zonas de contenção.

Noel acompanha as coordenadas no visor holográfico fixado no painel. A designação da missão permanece ativa: Posto 6C - Zona Fundida - Cinza Brava.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)  
Cuidado redobrado. Incidente registrado no dia anterior na Zona Fundida de Cinza Brava.  
Identificação envolvida: Aruna.  
Evite contato não autorizado.

Noel permanece em silêncio. A van segue. O terreno piora.

#### **EXT. ZONA FUNDIDA - POSTO DE CONTROLE ABANDONADO - DIA**

O posto surge entre areia fina e ruínas metálicas. Pequeno, retorcido pela ferrugem, engolido pela poeira acumulada. Terminais cobertos por fuligem endurecida. Cabos soltos balançam com o vento seco. Painéis solares quebrados, estruturas corroídas e sensores externos fora de uso.

Noel, Gadelha e SOLANO descem da van. Cada um carrega um módulo de leitura e caminha direto para o painel central. Gadelha limpa a fuligem com um pano seco. Solano conecta o módulo auxiliar. Noel aguarda, com os olhos fixos no visor.

Luzes intermitentes piscam nos displays. A rede térmica local volta a responder. Dados parciais. Fluxos instáveis. Na tela principal à frente de Noel, um valor inesperado pisca: 46.0°C → 44.1°C. Uma queda em menos de três segundos. Ponto isolado no setor leste.

NOEL  
Leitura secundária... Dois graus de queda. Setor leste.

Gadelha nem levanta os olhos.

SOLANO  
Pulso falso. Interferência da areia. Sempre acontece por aqui.

NOEL  
Sumiu sozinho. Nem logou no sistema.

GADELHA  
Se o sistema não marcou, não existe.

Noel volta ao visor. O ponto já desapareceu. Solano finaliza a varredura enquanto Gadelha encerra o relatório no módulo.

SOLANO

Dormimos aqui. Retorno às 06. Tem alojamento nos fundos.

Solano e Gadelha se afastam e entram no posto. Noel permanece. A tela volta ao neutro. Nada visível. Ele salva os dados manualmente. Desativa o sistema. Só então caminha para dentro.

**INT. ZONA FUNDIDA - ALOJAMENTO IMPROVISADO - NOITE**

O cômodo é estreito, revestido por placas metálicas riscadas. A luz fraca do modo noturno mal cobre o interior. Gadelha dorme de lado, respirando pesado. Solano repousa com a farda aberta até o peito, os braços cruzados sobre o rosto. Noel permanece acordado, deitado. O comunicador em sua mão exibe: 44.1°C – Ponto Não Validado – Setor Leste.

Ele se senta. Calça as botas com cuidado, veste a farda por cima da roupa leve, lacra a gola, ajusta os punhos. Cruza o alojamento em silêncio. Pega a pulseira térmica sobre a bancada, desativa o brilho da tela, mantém apenas o visor interno.

Diante da porta metálica, gira a alavanca inferior. O travamento solta um estalo seco. Gadelha se remexe. Noel para. Nada. Ele empurra a porta com o ombro. O metal range baixo. Noel cruza a soleira. A porta se fecha atrás dele.

**EXT. ZONA FUNDIDA - PERÍMETRO EXTERNO - NOITE**

Noel caminha por um corredor estreito de placas metálicas irregulares. A pulseira térmica exibe a leitura em tempo real: 44.1°C – variação estável. O ambiente é escuro, cortado por feixes difusos de luz pública falhando. O chão é de poeira fina, marcada por pegadas antigas, ondulações no solo e rastros apagados.

Ele se aproxima do painel de verificação do setor leste. Encosta o visor no leitor lateral. A luz azul pisca, confirmando a presença autorizada. Noel checa a tela suspensa. Nada fora do esperado. Mãos nos bolsos da farda, ele se afasta alguns metros, observa a área.

De repente, um vulto se move. Rápido, silencioso. Passos leves na poeira. Noel não reage. Ele sente o puxão antes de ver. Mãos pequenas, magras, agarram o módulo térmico preso ao cinto. Ele segura o pulso do atacante, um GAROTO FRANZINO, coberto de fuligem. Noel o segura firme. O Garoto Franzino tenta acertá-lo com o cotovelo, mas Noel torce seu braço para trás. O menino grunhe mas Noel não solta.

NOEL

Aruna.

O garoto para de lutar e assente. Noel solta seu braço. O menino recua um passo, depois começa a andar. Noel o segue.

**INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - NOITE**

O Garoto Franzino guia Noel por corredores estreitos. As escadas metálicas rangem sob os pés. Eles entram. ARUNA está sentada sobre uma mesa enferrujada. Ao lado dela, uma farda térmica dobrada e um módulo de resfriamento ainda conectado a uma rede improvisada. Tubos de refrigeração atravessam a sala, adaptados com peças velhas, mantas térmicas e cabos expostos.

ARUNA

Podem sair, com ele eu resolvo.

Três figuras recuam. A porta se fecha atrás deles. Ficam apenas ela e Noel.

NOEL

Isso não devia funcionar.

ARUNA

Não funciona como antes. Funciona melhor. Ninguém controla. Só distribui.

Ela aponta para um mapa aberto sobre a mesa. Papel amarelado, linhas riscadas à mão com indicações rudimentares.

ARUNA (CONT'D)

Cinza Brava tem os dutos mais acessíveis. Grossos. Vão direto pra rede da Patagônia. A F.R.I.O evita intervenção direta lá. Muito risco. Muito povo solto.

Ela passa o dedo por uma linha vermelha que serpenteia o papel.

ARUNA (CONT'D)

Mas os principais não descem. Sobem. Sobem com pressão e cortam Triz do Inferno.

Noel levanta os olhos. Triz do Inferno. Ele conhece o nome.

NOEL

Zona de isolamento térmico.

ARUNA

Não é isolamento. É proteção. A F.R.I.O mantém o calor ali pra ninguém chegar perto. Triz esconde os encanamentos centrais.

Ela pega um cilindro metálico pequeno, com encaixes adaptados, e o desliza sobre a mesa até Noel.

ARUNA (CONT'D)

Isso lê e engana. Ele não resfria. Ele atravessa.

Noel segura o objeto. Parece um adaptador comum.

NOEL

Rouba credenciais?

ARUNA

E libera o que foi negado.

Ela volta ao terminal improvisado, conectando fios e ajustando parâmetros. Linhas de código deslizam pela tela rachada. Noel ainda observa o módulo. Depois, guarda no bolso da farda.

NOEL

Triz é onde tudo começa?

Aruna não responde.

NOEL (CONT'D)

Como você sabia que eu viria?

ARUNA

Quem enxerga o sistema por dentro sempre reconhece quem já tá prestes a sair dele.

Noel a encara.

FLASHBACK PARA:

**EXT. OCEANO ATLÂNTICO - TEMPESTADE CLIMÁTICA - DIA**

Ondas colossais engolem cidades costeiras. Relâmpagos cortam o céu carregado enquanto torres desabam sob o impacto do vento. Navios viram destroços em segundos. O mar avança e a terra afunda sob a água.

No centro da tempestade, Buraco no Mar permanece. A corrente oceânica contorna sua costa irregular. O vórtice se divide ao redor da cidade. A destruição passa pelas bordas.

Pessoas correm pelas ruas alagadas, sobem em estruturas instáveis, se penduram em sacadas. Algumas são levadas pela correnteza. Um avião tenta pousar. Uma rajada o atinge. Ele despenca. Explode. Escombros se espalham com o impacto.

#### **EXT. BURACO NO MAR - COLINA ALTA - DIA**

Barracos tortos cobrem a encosta. Veículos queimados servem de abrigo. Homens, mulheres e crianças, sujos de fuligem, se espalham sob lonas presas com arames e pedaços de antena. Uma mulher tenta refrescar um bebê com um pano úmido. O tecido seca antes de tocar a pele da criança.

Um grupo se destaca dos demais. Carregam mochilas técnicas, pranchetas, tubos de mapa. Cientistas. Engenheiros. Ex-operadores do sistema. Sobre uma chapa de metal apoiada em blocos de concreto, desenrolam mapas manchados de fuligem. Riscam rotas com pedaços de carvão e apontam direções.

DOUTOR AMARAL, o mais velho entre eles, pele parda escurecida pelo sol, rosto angular marcado por rugas profundas, barba grisalha rala, olhos pequenos e fundos. O cabelo é ralo nas laterais, queimado nas pontas. Usa uma camisa desbotada de linho aberto no peito, colada pelo suor.

DOUTOR AMARAL

E se já for tarde demais?

O grupo silencia. FLUTNER, mais jovem, pele clara castigada pelo sol, cabelo ruivo curto desalinhado, mandíbula definida, olhos escuros e fundos, encara o mapa. Os braços magros revelam marcas de queimadura antigas. Ele encosta o dedo com firmeza no centro do papel.

FLUTNER

Então a gente constrói do zero.

#### **INT. INSTALAÇÃO CIENTÍFICA - NOITE**

O laboratório improvisado é apertado, com paredes de chapas metálicas reaproveitadas. Cabos expostos serpenteiam pelo chão, ligados a baterias solares precárias que mantêm os equipamentos vivos. Monitores antigos emitem luz trêmula, exibindo gráficos incompletos e dados climáticos instáveis. Ventiladores quebrados giram devagar.

Flutner digita sem parar. No visor à sua frente, um modelo começa a se formar: linhas de calor se espalham em laranja e vermelho, até que um núcleo azul aparece no centro da tela. A simulação projeta um sistema de controle térmico localizado, artificial, capaz de interromper a propagação do calor em ciclos controlados.

Ao lado, sobre a bancada, um cilindro metálico pequeno está preso a uma rede improvisada de tubos enferrujados e mantas térmicas. Doutor Amaral ajusta a pressão. Um estalo. O cilindro dispara um jato curto de ar gelado. A névoa se forma por poucos segundos antes de se dissipar.

FLASHFORWARD PARA:

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE REUNIÕES - DIA**

A sala é ampla e silenciosa. As paredes translúcidas revelam neve artificial caindo do outro lado do vidro, dentro de um ambiente controlado. Do lado de fora, o calor escorre em ondas pelas superfícies metálicas do complexo.

No centro da mesa alongada, uma projeção holográfica exhibe o mapa térmico da cidade. As zonas frias brilham em azul cristalino. As áreas externas, em vermelho intenso. Um gráfico simula a proposta de redistribuição universal do frio. No alto da tela, um alerta pisca em vermelho: RISCO DE FALHA ESTRUTURAL - CAPACIDADE INSUFICIENTE.

NEREIDA FLUTNER observa os dados. Ao seu lado, VIKTOR, seu marido, analisa as estatísticas com os dedos pousados sobre o painel digital.

DIRETOR HÉLIO aponta para a projeção.

DIRETOR HÉLIO

É possível reduzir a temperatura social sem comprometer os setores frios. Com ajustes nos núcleos secundários, o resfriamento alcança as áreas mais castigadas.

Na outra extremidade da mesa, DIRETORA MARINA mantém os braços cruzados.

DIRETORA MARINA

A F.R.I.O não existe para responder a necessidades populares. Ela garante estabilidade. E controle.

Diretor Hélio se inclina.

HÉLIO

Sem redistribuição, a pressão térmica vai colapsar os setores externos. Isso já está em curso.

DIRETORA MARINA

Estabilidade é mais importante que concessões.

Nereida Flutner não reage. Os olhos continuam fixos nos dados. Viktor desliza os dedos no console da mesa. Uma nova opção aparece no holograma: REMOVER PROPOSTA DE DISTRIBUIÇÃO UNIVERSAL. Ele seleciona.

O alerta vermelho desaparece. O mapa retorna ao padrão anterior.

Diretor Hélio encara Nereida Flutner.

DIRETOR HÉLIO  
Isso é um erro.

VIKTOR  
É sobrevivência.

A porta é aberta. SEGURANÇA 1 e SEGURANÇA 2 entram e param atrás de Diretor Hélio. Ele olha para Nereida Flutner. A porta se fecha após ele ser escoltado.

Nereida Flutner ajeita o colarinho. Viktor recosta na cadeira. Diretora Marina sorri discretamente.

#### **EXT. BAÍA DE VIDRO - NOITE**

No interior de um salão envidraçado e climatizado, figuras da elite da F.R.I.O se distribuem em mesas dispostas. Lustres pendem sobre arranjos simétricos. Difusores embutidos nas paredes.

Taças de cristal são erguidas. Os convidados vestem casacos finos de fibra térmica branca, ajustados ao corpo. Tecidos programáveis se moldam com leve brilho.

Serventes circulam entre as mesas. Bandejas de metal polido exibem pratos geométricos com porções medidas. Cubos de gelo lapidados. Vinho refrigerado à temperatura exata.

No canto da sala, Nereida Flutner e Viktor observam. Viktor ergue discretamente dois dedos. Guardas surgem das bordas do salão, trajando uniformes escuros sem insígnia. Caminham em pares. Os dissidentes são chamados nominalmente. Portas se fecham. O som abafado de silenciadores rompe o fundo musical.

#### **EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA**

A multidão ocupa a praça. Rostos queimados de sol, olhos semicerrados. Cartazes improvisados se erguem acima das cabeças com inscrições como "O FRIO É NOSSO DIREITO" e "TEMPERATURA PARA TODOS".

Corpos se apertam sob o sol. Roupas finas coladas ao suor. Crianças encolhidas junto a placas de papelão jogadas no chão, buscando sombra mínima. Trapos sobre a cabeça.

O calor ondula o ar, distorcendo o contorno dos prédios ao fundo. As vozes aumentam. Gritos dispersos. Acima, drones flutuam. Câmeras giram. Sensores térmicos piscam em laranja. A multidão resiste.

#### **EXT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE CONTROLE - DIA**

Monitores alinhados em fileiras mostram imagens ao vivo da Praça Central. A multidão pulsa em blocos densos. Sensores térmicos piscam em amarelo, marcando a elevação da temperatura corporal e da movimentação.

Rússel e Prússia estão no canto, sentados no chão diante de um tabuleiro digital. Brincam com miniaturas de torres de resfriamento, reposicionando peças metálicas que representam setores da cidade. Movem blocos simulando colapsos e reestruturações.

Mais ao centro, Nereida Flutner permanece em pé. Viktor ao lado. Ambos focam nas projeções de consumo energético, gráficos sobrepostos, níveis de risco e zonas críticas.

Uma notificação surge no alto do painel. ALERTA NÍVEL 3 - PRESSÃO SOCIAL ACUMULADA.

Viktor toca o painel. O comando é acionado.

#### **EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA**

Os letreiros digitais piscam. A temperatura social sobe: 45°C. 46°C. 47°C. Os gritos diminuem. Um homem cai de joelhos. Crianças se arrastam para trás de placas tombadas, tentando escapar da radiação. Mulheres abanam panos úmidos sobre rostos de bebês, mas os tecidos secam em segundos. Cartazes escorregam das mãos. Os sensores térmicos captam a dispersão. O protesto se desfaz.

#### **EXT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE CONTROLE - DIA**

Rússel e Prússia estão sentados sobre um tapete térmico, diante de um tabuleiro holográfico. A miniatura da cidade pulsa em azul e cinza. Rússel gira uma torre central. Setores menores caem ao redor. Prússia reposiciona uma peça nos limites da Zona Fundida e gira um controle lateral.

Nos monitores acima, imagens de manifestantes cambaleando. Alguns recuam. Outros desabam no asfalto superaquecido.

No canto da sala, Viktor ajusta um comando no painel. A temperatura social sobe mais um grau. Rússel e Prússia continuam a reorganizar o tabuleiro, acompanhando cada mudança refletida nas telas.

FLASHFORWARD PARA:

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - CENTRO DE DADOS - DIA**

A luz branca contínua do teto ilumina as prateleiras metálicas que se estendem até o alto, repletas de caixas térmicas e servidores holográficos em funcionamento constante.

No centro, Prússia opera um painel suspenso. O uniforme claro contrasta com a tela escura à sua frente. Registros antigos se abrem sobre o vidro. Vídeos de manifestações. Dados da fundação da F.R.I.O. Propostas arquivadas de redistribuição de frio. Trechos holográficos com rostos e vozes de antigos dissidentes. Mapas de acesso público. O decreto original de Nereida Flutner e Viktor.

Prússia toca um botão no canto inferior da tela. A opção aparece:

"DELETAR DEFINITIVAMENTE - IRREVERSÍVEL".

Ela confirma. A barra de progresso preenche. Na parte inferior do centro de dados, compartimentos metálicos se abrem. Documentos físicos deslizam para dentro. Chamadas internas os consomem em segundos. A tela exhibe a nova versão da história.

"Desde sua origem, a F.R.I.O garantiu a estabilidade climática da sociedade. O equilíbrio térmico é um princípio inegociável. A alternativa nunca existiu."

Prússia apaga a tela e se afasta. As luzes permanecem estáticas. Os servidores continuam trabalhando.

ENCERRAR FLASHBACK.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE MANUTENÇÃO - NOITE**

A sala é revestida por placas metálicas e tomada por conduítes fixados rente ao teto. Um terminal suspenso opera em modo contínuo. A tela brilha em azul estável. Noel entra. Caminha direto até o painel. Encosta a palma da mão e aguarda. A projeção se abre. Ele desliza os dedos, navegando por tabelas de transporte e relatórios técnicos.

Um nome pisca: "Remessa Prioritária - Destino: Triz do Inferno." Ele acessa o registro.

Os dados se expandem mostrando módulos de resfriamento de alta capacidade, barreiras térmicas reforçadas e peças de exopele frigorífica. Todo o material com classificação restrita, destinado a uma zona oficialmente inabitável.

A escolta é listada como armada. Técnicos designados. Autorização limitada. Um dos nomes aparece: ISAAK N. - status: autorizado. Noel permanece imóvel por alguns segundos, depois puxa um pequeno adaptador do bolso interno da farda. Conecta ao terminal. A tela responde com linhas de código rolando em velocidade constante. O sistema registra a entrada. A identidade de Isaak N. é clonada.

No visor, o status se atualiza: "Autorizado para embarque." Noel remove o adaptador, desliga a tela e dá um passo para trás. Cruza a sala e desaparece pela porta.

#### **EXT. RODOVIA - POSTO DE CONTROLE - NOITE**

O comboio da F.R.I.O avança pela estrada escura e irregular, os veículos blindados alinhados taticamente. A lataria polida reflete as luzes pálidas das torres de monitoramento. Drones térmicos circulam acima do perímetro. No chão, guardas armados percorrem trilhas fixas, monitorando cada caminhão com sensores de movimento e escaneamento térmico.

Noel caminha entre os técnicos designados. A farda está justa e o módulo térmico preso ao peito. Na zona de escaneamento, o fluxo de entrada avança em fila. O painel sobre a guarita exibe nome, função e assinatura térmica de cada funcionário. À medida que passam, o sistema pisca em azul, validando o acesso. Um tom grave confirma a liberação de cada um.

Noel observa. No bolso interno, o dispositivo de clonagem vibra. O visor projeta seu nome falso: "ISAAK N." A assinatura térmica foi reprogramada no sistema central. O scanner térmico se ativa. A faixa azul percorre seu corpo. O visor pisca. "ISAAK N. - AUTORIZADO PARA EMBARQUE."

Noel segue em frente. Ele cruza o portão, sobe pela lateral de um dos caminhões de transporte e fecha a porta. O travamento é automático. Luzes verdes se acendem ao longo da pista. O comboio recebe a autorização final. Os motores ganham tração.

#### **INT. CAMINHÃO DA F.R.I.O - NOITE**

O interior do caminhão é estreito, gelado e mal iluminado. Respiradouros discretos liberam jatos de ar condensado em ciclos regulares, criando uma neblina fina que paira próximo ao teto. Toda a estrutura vibra com o movimento.

O chão metálico reflete a luz azul fraca emitida pelos lacres eletrônicos.

Contêineres empilhados ocupam o espaço até quase o teto. Cada um identificado com selos da F.R.I.O e códigos de segurança. As etiquetas brilham com um leve pulso contínuo. Módulos de resfriamento avançado estão encaixados em suportes fixos. Barreiras térmicas experimentais, enroladas como painéis flexíveis, repousam nos cantos.

Noel permanece imóvel, encostado entre duas colunas de carga. O uniforme aderente mantém a temperatura corporal estável, mas o frio do ambiente é constante. Em silêncio, leva a mão ao bolso interno. Seus dedos tocam o dispositivo pequeno e frio. Um sinal sonoro se propaga pelos alto-falantes embutidos no teto do caminhão.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)

Atenção: variação térmica externa detectada. Aproximação da zona crítica. Temperatura ambiente: 53°C. Resfriamento interno estabilizado.

O visor do painel de carga atualiza o percurso. Um ponto vermelho se aproxima do centro: Triz do Inferno.

#### **EXT. TRIZ DO INFERNO - PORTÃO DE ENTRADA - NOITE**

O comboio da F.R.I.O estaciona em fila, os motores cessam em sequência. À frente, o portão principal vibra com o calor acumulado. A estrutura metálica pulsa em tons alaranjados. No topo, torres de vigilância giram com movimentos precisos, realinhando sensores. Feixes de luz cruzam os caminhões, escaneando as laterais em busca de alterações térmicas. O solo, feito de placas metálicas fundidas, brilha em vermelho opaco, absorvendo a radiação do ambiente.

Guardas surgem da lateral da instalação, cobertos da cabeça aos pés com exopele frigorífica reforçada. As camadas térmicas blindadas aderem ao corpo como uma segunda pele, seladas por conectores metálicos nos pulsos, tornozelos e pescoço. As viseiras projetam dados em tempo real enquanto cada soldado carrega um terminal holográfico portátil.

Dentro de um dos caminhões, Noel se mantém escondido entre os contêineres. A tela interna pisca em azul. Inspeção em andamento. Um som grave indica que o primeiro caminhão foi autorizado. Do lado de fora, os técnicos descem e seguem em fila para os arcos de escaneamento. O scanner térmico ativa uma faixa azul que percorre os corpos. Identidade validada. Acesso liberado.

Noel desliza entre as caixas até encontrar a tampa lateral do compartimento técnico. O encaixe é exato. Ele a empurra. O calor do lado de fora entra com força. Ele se arrasta para fora, os braços raspando no metal superaquecido, as botas deslizando com cuidado. Do lado de fora, os técnicos continuam se movimentando. Ele ajusta a gola da farda, lacra os punhos, confere os fechos. Assume a posição no fim da fila.

O arco térmico escaneia mais um corpo. Outro. Então Noel passa sob ele. A leitura demora um instante a mais. O visor pisca. ISAAK N. - STATUS: AUTORIZADO. Ele caminha. Atrás dele, o arco emite o próximo pulso. O comboio segue para o interior.

#### **INT. TRIZ DO INFERNO - SALA DE CONTROLE DO NÚCLEO - NOITE**

A estrutura é metálica, compacta, sem janelas. As paredes estão cobertas por placas de contenção térmica, deformadas em pontos críticos pela exposição contínua. Pequenos respiradouros liberam vapor pressurizado em rajadas simétricas. O piso, escuro e metálico, reflete a luz vermelha pulsante das sinalizações térmicas no teto.

Noel avança pelo corredor lateral, rente à parede. A farda térmica exhibe manchas escuras sob os braços e costas. O visor da pulseira registra 50.7°C - estável. O corredor desemboca em um mezanino de manutenção com visão total para o núcleo.

Abaixo, o Núcleo Regulador Absoluto domina o espaço central. Um cilindro vertical maciço gira lentamente. Dutos pressurizados o circundam, transportando calor em fluxo contínuo para condutos marcados: SETOR LESTE, LINHA T1, SETOR CENTRAL. Cada batida do núcleo emite um pulso laranja, absorvido pela rede de resfriamento.

Técnicos operam painéis holográficos dispostos em semicírculo. Fardas coladas ao corpo. Todos usam visores protetores. Cada estação possui um sensor de autenticação térmica. MATEO, posicionado à esquerda, digita comandos.

MATEO

Variação de 0.3 na Zona Externa  
Sul. Reduz fluxo na válvula quatro-  
bravo.

LÍVIA, ao lado, responde sem levantar os olhos.

LÍVIA

Confirmado. Esgelo oscilando.  
Iniciando recalibração.

Os monitores atualizam em tempo real. Gráficos térmicos. Leituras de pressão. O núcleo continua operando sem falha. Do outro lado da sala, ALMEIDA retira as luvas com esforço, as costas inclinadas.

ALMEIDA

Cinco minutos na câmara ou desmaio em pé.

Ele aponta para o compartimento de resfriamento. Ninguém responde. Almeida atravessa o corredor, a porta da câmara se abre com liberação de vapor frio. Ele entra. A porta se fecha. O terminal permanece ativo, aguardando retorno.

Noel observa. Os sensores do terminal ainda registram a assinatura térmica válida. Ele desce pela escada lateral. A iluminação reduzida cobre seus movimentos. Mantém-se fora do campo de visão dos drones internos. Aproxima-se do terminal de Almeida. O sensor emite uma faixa azul.

#### **INT. TRIZ DO INFERNO - CORREDOR DE MANUTENÇÃO - NOITE**

O corredor é estreito, iluminado por uma fileira de lâmpadas embutidas que oscilam sob a pressão do calor acumulado. As paredes são revestidas por painéis metálicos escurecidos, a superfície marcada por fuligem, sujeira e marcas de manutenção antigas. O som ambiente é um zumbido constante vindo dos dutos, intercalado por estalos secos de dilatação térmica.

Almeida surge em passo ritmado. O suor escorre sob o tecido. Ele para diante de um módulo de resfriamento portátil embutido na parede, gira a trava inferior e abre o compartimento. Um jato branco de vapor frio escapa, criando uma nuvem densa por alguns instantes. Almeida se inclina, os ombros relaxam. O vapor cobre o rosto, condensa na borda da gola. Ele fecha os olhos por um momento e repousa a palma da mão direita na lateral metálica do módulo.

Noel observa. Oculto entre os painéis estruturais do corredor, ajusta a posição do corpo para não refletir luz direta. Retira o dispositivo de Aruna do bolso interno. Pequeno, escuro, com visor embutido e adaptadores de leitura por proximidade.

Ele se aproxima. Levanta o dispositivo e o posiciona a centímetros da superfície metálica que recebeu o toque de Almeida. O sensor emite uma luz fraca e a leitura começa. Linhas verdes percorrem o visor. Assinatura térmica capturada: ALMEIDA. Tempo de uso: 03:00. Contagem regressiva iniciada.

Almeida fecha o compartimento, puxa a gola da farda para ventilar o pescoço e segue andando. Passa pela bifurcação e entra pela porta lateral, que se fecha com um tranco automático. Ele não olha para trás.

Noel baixa o dispositivo. O visor já marca 02:47. Ele guarda o aparelho, prende o fecho do bolso e se volta para a próxima porta à frente. A entrada do mezanino de manutenção está logo adiante, guardada por dois painéis de autenticação térmica.

#### **INT. TRIZ DO INFERNO - MEZANINO DE MANUTENÇÃO - NOITE**

Noel atravessa a porta e entra. As paredes laterais são tomadas por painéis holográficos, onde gráficos em constante rotação projetam dados climáticos em tempo real. Zonas de extração térmica piscam em vermelho pulsante. Áreas refrigeradas brilham em tons azulados intensos.

Cinco técnicos ocupam posições fixas. Dois operam painéis laterais, com dedos se movendo sobre superfícies sensíveis ao toque. Um terceiro ajusta parâmetros de conversão energética. Um quarto revisa leituras em um tablet flutuante. O último técnico se desloca entre estações, cruzando comandos com os demais.

Noel caminha até uma das estações desocupadas, repousa um tablet de acesso sobre a superfície metálica e imita os gestos dos outros. Com o movimento do antebraço, ativa discretamente o dispositivo de Aruna, ainda preso por dentro do uniforme. O visor do aparelho projeta uma interface reduzida. A leitura inicia. Linhas de código deslizam.

Os dados se sobrepõem em camadas, translúcidos, flutuando acima da superfície do painel. Primeiro, leituras rotineiras: zona de operação estável, ciclo de extração contínuo, saturação térmica da Baía de Vidro dentro do ideal. Nenhuma anomalia registrada. Os parâmetros mudam. Zonas de pressão térmica elevada mantidas em intensidade máxima para suporte de resfriamento prioritário. Triz do Inferno aparece em destaque, com o núcleo em regime ativo. Ao lado, a legenda marca o padrão térmico da zona como essencial.

Gráficos projetam curvas ascendentes de temperatura nos setores periféricos. O núcleo não apenas opera em calor extremo. Ele depende disso. É o coração do sistema. A sustentação dos setores frios vem da manutenção constante daquele calor.

No visor do dispositivo, um alerta pisca. O tempo da cópia está no fim. Noel fecha a leitura. Desconecta. A linha de código desaparece. O tablet permanece à sua frente, em modo passivo. Ele continua ali, como se estivesse apenas revisando relatórios.

Um dos técnicos fecha o terminal, se dirige até um armário de ferramentas e recolhe um módulo auxiliar. Outro técnico se despede com um aceno. Noel observa o gesto, aproveita a movimentação. Ajeita o tablet no antebraço, ajusta o fecho do colarinho e caminha junto. A porta se abre. Ele atravessa.

#### **INT. TRIZ DO INFERNO - CORREDOR SUBTERRÂNEO - NOITE**

O corredor é estreito, revestido com placas metálicas cobertas por camadas de fuligem térmica. Painéis de contenção laterais soltam vapor em intervalos programados, tentando manter a estrutura interna abaixo do ponto crítico. A iluminação é baixa, apenas faixas de LED pulsando em vermelho e branco, alternando a cada trecho percorrido.

Noel segue pelo corredor, o uniforme colado ao corpo pela umidade gerada pelo calor interno. Ele mantém o tablet holográfico ativo, com gráficos flutuando sobre o visor. Ao longe, passos ecoam na estrutura metálica. GUARDA 1, GUARDA 2 e GUARDA 3 surgem da direção oposta. Caminham lado a lado. Os rostos cobertos pelos visores de proteção. Estão armados.

Noel ajusta a postura. Evita contato visual. Eles se cruzam.

GUARDA 1 diminui o passo. Franze o cenho sob o visor, olhando por sobre o ombro.

GUARDA 1

Espera... esse aí é o Isaak?

GUARDA 2

Ele tava escalado pra outra zona.  
Não era Baía de Vidro?

GUARDA 1

É. Isso mesmo. Estranho ele aqui.

GUARDA 3 lança um olhar para os dados em seu terminal de pulso.

GUARDA 3

Deixa. Devem ter mudado ele de posto. Sempre mudam tudo e não avisam porra nenhuma.

GUARDA 1

Só tô dizendo. Vai dar merda uma hora dessas.

Eles continuam andando. Noel dobra a esquina seguinte. O suor pinga por trás da nuca, escondido pela gola da farda. Ele desativa a tela do tablet e guarda o visor no suporte lateral.

**INT. TRIZ DO INFERNO - DEPÓSITO DE MANUTENÇÃO - NOITE**

Noel desliza entre prateleiras de contenção, os ombros roçando nas laterais metálicas. O espaço é apertado, repleto de caixas técnicas com etiquetas apagadas pelo calor. Ele encontra uma bancada entre as estruturas e conecta o tablet, ocultando-o sob um pano isolante.

A transmissão inicia. No visor embutido: "Transferência de dados - 12%". Ele escuta passos no corredor. Recuado, pressiona o corpo contra a lateral da prateleira. A porta se abre com um rangido abafado. TÉCNICO 1 e TÉCNICO 2 entram. Suados. Fardas semiabertas.

TÉCNICO 1

Desce dois graus, só isso. Senão o núcleo recalibra tudo.

TÉCNICO 2

Já setei manual. Daqui a pouco estabiliza.

Um deles vai até o painel de regulação e ajusta a temperatura. O outro arrasta uma caixa para a parede oposta. A refrigeração do depósito enfraquece. Noel sente o calor aumentar, o suor brotando pelas têmporas. Ele espreita o visor do tablet. "Transferência de dados - 29%". Os técnicos conversam enquanto revisam ferramentas. TÉCNICO 1 ativa o rádio preso à gola.

TÉCNICO 1

(No Rádio)

Setor 4-Delta, estabilizado.  
Nenhuma falha térmica no depósito.

O técnico desliga. "Transferência de dados - 39%". Um dos técnicos pega uma garrafa metálica e despeja água no rosto. TÉCNICO 2 se movimenta em direção à saída.

TÉCNICO 2

Vou descer pro núcleo. Se demorar,  
é pane.

Ambos saem. A porta se fecha devagar. Noel espera mais alguns segundos. "Transferência de dados - 49%". Ele desliga o visor.

**EXT. TRIZ DO INFERNO - TÚNEL DE MANUTENÇÃO - NOITE**

Noel avança por uma passagem estreita, onde o piso vibra sob o impacto dos próprios passos. As placas metálicas estão cobertas por poeira escura e manchas de calor cristalizado.

Acima, feixes vermelhos piscam em intervalos irregulares, sinalizando zona crítica. À frente, a escotilha de emergência aparece cravada no canto da estrutura, com bordas corroídas e marcas de solda antiga. Noel encosta no painel lateral e verifica o visor do tablet. "Transmissão de dados - 71%".

O alarme de segurança dispara. Sirenes tomam o corredor. Placas de aviso acendem em sequência, projetando no teto: "Protocolo de contenção - Intruso Detectado". Noel segura firme o tablet contra o corpo e corre.

DRONE (V.O.)  
Intruso detectado.

O som de hélices metálicas surge atrás. Noel vira. Um drone de vigilância avança pelo corredor compacto, veloz, as luzes azuladas girando no núcleo ótico. "Transmissão de dados - 83%".

DRONE (V.O.)  
Intruso detectado.

Noel não desacelera. A escotilha se aproxima. Ele estende o braço, gira a trava de segurança. O metal resiste por um instante antes de ceder com um estalo. Um jato de ar superaquecido escapa pela abertura. "Transmissão de dados - 89%".

DRONE (V.O.)  
Intruso detectado.

O drone se aproxima, já em modo de contenção. Lentes giratórias se ajustam, captando a assinatura térmica de Noel. Ele se lança pela abertura, escorregando para o outro lado da escotilha. O calor queima as mãos. Ele puxa o metal de volta, força a trava. "Transmissão de dados - 95%".

DRONE (V.O.)  
Intruso detectado.

No interior da saída técnica é apertado, abafado. Noel se encolhe o máximo que pode. O tablet está contra o peito, protegido sob os braços. O visor pisca uma última vez. "Transmissão de dados - 99%... 100%". A escotilha se fecha completamente, a trava selando com pressão hidráulica. O drone paira por alguns segundos. Os sensores piscam em azul. Depois, desacelera, recua e desaparece no corredor. A sirene cessa.

#### **EXT. TRIZ DO INFERNO - SUPERFÍCIE - NOITE**

Noel sai pela escotilha e rasteja sobre a superfície metálica superaquecida.

O contato direto queima a pele exposta dos braços. Ele avança, mantendo o corpo baixo até alcançar uma parte mais estável do piso. Com esforço, se levanta. Estruturas industriais deformadas pelo calor cobrem o terreno. Placas de concreto rachado, suportes metálicos derretidos, dutos enferrujados expelindo vapor sob pressão.

Torres de vigilância giram no alto de pilares reforçados. Cada uma equipada com lentes térmicas em rotação contínua. Painéis de advertência piscam em vermelho ao longo da estrutura: "EXPOSIÇÃO PROLONGADA NÃO AUTORIZADA". O chão vibra em alguns pontos.

Mais à frente, uma equipe técnica se desloca em linha pela plataforma sul. Todos usam exopele frigorífica. Os capacetes são selados. Mochilas térmicas nas costas mantêm o sistema de refrigeração ativo. Noel observa. Ajusta a gola da própria farda, limpa o suor com a manga, endireita os ombros. Se integra à distância, reproduzindo o padrão de marcha.

A subestação de resfriamento aparece logo à frente. Portas técnicas abertas, ventilação ativa, terminais de acesso visíveis. Noel entra com o grupo.

#### **INT. TRIZ DO INFERNO - SUBESTAÇÃO TÉCNICA PERIFÉRICA - NOITE**

A porta automática se abre. Noel entra com o grupo de técnicos vindos da superfície. A subestação é compacta, isolada, de estrutura simples. As paredes internas são revestidas por placas de aço opaco. O piso metálico reflete a luz branca uniforme de lâmpadas embutidas no teto. Ventiladores industriais giram.

No centro da sala, um núcleo auxiliar de resfriamento pulsa em baixa intensidade. O cilindro metálico emite jatos controlados por dutos radiais que conectam a rede externa. Técnicos removem os capacetes, deixam os trajes pendurados em ganchos, sentam no chão, secam o rosto com panos térmicos. Outros caminham até os bebedouros de pressão e ingerem líquidos isotérmicos direto dos tubos flexíveis.

Noel segue até o setor de armazenamento lateral. Passa pelos suportes, escaneia os equipamentos e escolhe uma exopele de uso anterior, menos marcada. Veste o traje por cima da farda interna. Trava os selos no pescoço e punhos. O traje ativa automaticamente o ciclo de refrigeração. O visor embutido exhibe: "Temperatura interna estabilizada - 21.4°C".

A escotilha da lateral da sala se abre com um estalo mecânico. Um veículo de transporte técnico estaciona na plataforma de embarque. SUPERVISOR 1 e SUPERVISOR 2, usando uniformes escuros com faixas refletivas, permanecem à frente do veículo. Supervisor 1 segura um scanner de pulsos.

Supervisor 2 controla o visor de registro holográfico. Um a um, os técnicos formam fila e apresentam as identificações.

Noel se posiciona atrás de um técnico de baixa estatura. Mantém o capacete ajustado sobre o rosto, a viseira opaca ativada. Inclina ligeiramente a cabeça para frente e mantém os braços junto ao corpo. A fileira avança. O scanner registra os primeiros da fila. O visor pisca. Um dos supervisores faz sinal para o próximo. A fileira se move. Noel segue.

#### **EXT. TRIZ DO INFERNO - PLATAFORMA DE TRANSPORTE - NOITE**

A plataforma de carga ocupa uma área aberta, com piso de metal grosso coberto por fuligem escurecida. Grades de contenção cercam todo o perímetro, vibrando levemente sob o impacto da temperatura acumulada. Trilhos gastos cruzam o chão em linhas paralelas, guiando os veículos automatizados que fazem o transporte entre os níveis subterrâneos e os setores de superfície. Vapor escapa por válvulas de alívio nas laterais da estrutura.

Um transporte técnico blindado está acoplado ao ponto de embarque. A lataria apresenta reforços estruturais e marcas de exposição térmica. O motor opera em rotação lenta, emitindo um som grave e constante. Técnicos vestidos com exopele frigorífica caminham até a entrada. Cada um passa pela porta automatizada, onde sensores embutidos escaneiam as fardas em busca de falhas no isolamento térmico. Um painel acima da entrada exibe luzes verdes à medida que cada pessoa é autorizada.

Noel acompanha a fila. Permanece com o capacete travado e a viseira escurecida. Ajusta os lacres do traje, alinha o passo com os demais e mantém a posição no final do grupo. Quando chega à porta, a luz azul do scanner percorre seu corpo. O visor pisca. Uma confirmação se projeta no painel: "ACESSO LIBERADO". Ele cruza o limiar e entra no compartimento de transporte.

#### **INT. CAMINHÃO DA F.R.I.O - NOITE**

O caminhão percorre a pista reforçada que atravessa a borda final de Triz do Inferno. O solo metálico sob as rodas vibra a cada seção irregular. Placas de concreto fundido e faixas de dilatação térmica alternam-se ao longo da rota. O revestimento externo do veículo chia sob o calor acumulado, enquanto as torres de monitoramento projetam luzes avermelhadas que riscam a blindagem.

As luzes internas são estáveis. Conduitos laterais liberam ventilação controlada. Assentos revestidos com isolante térmico formam duas fileiras. Os ocupantes permanecem imóveis, equipados com trajes de operação. O sistema de leitura embutido nos bancos projeta gráficos em tempo real: pressão atmosférica, fluxo térmico e estabilidade das barreiras.

Noel está sentado junto aos demais. A farda ainda úmida sob a exopele. O visor dianteiro exibe a rota digital em avanço. Um aviso acende no topo da tela: "ZONA DE SEGURANÇA - POSTO EXTERNO DA F.R.I.O" O caminhão cruza a barreira de contenção. O som do impacto térmico diminui. Os dados nos painéis atualizam. A refrigeração interna ajusta o nível de compensação. O transporte segue pelo setor externo.

### **INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - NOITE**

Aruna está em pé, diante do terminal. Os códigos de transmissão terminam de rolar. No topo da tela, aparece em destaque: "TRANSMISSÃO CONCLUÍDA - CÓPIA DE DADOS AUTENTICADA". Atrás dela, seis rebeldes se espremem entre caixas de mantimentos e peças de resfriamento desmontadas.

Gráficos surgem em sequência. "Zonas frias - 19°C", "Zonas quentes - 47°C". A malha térmica da cidade se desenha com linhas interligadas. A cada setor congelado, um ponto superaquecido é destacado.

Aruna gira o visor central, ampliando as áreas críticas: Baía de Vidro, Monte Áureo, Coração Branco em azul. Depois desliza o dedo, destacando as regiões em vermelho: Fornalha, Cinza Brava, Triz do Inferno. Um dos rebeldes, PAVIO, se aproxima do painel.

PAVIO

Isso é... sistemático?

ARUNA

Não é erro. É projeto. Toda vez que um setor esfria, outro precisa aquecer. É compensação térmica. E é calculada.

Ela gira outro painel. Um gráfico mostra o consumo energético da elite versus as zonas periféricas. Setores frios com energia priorizada, estabilidade garantida. Setores quentes com pressão acima do limite.

ARUNA (CONT'D)

A Frio não retira o calor. Ela realoca. Cada grau que falta aqui, tá congelando alguém lá.

RAEL, um dos mais jovens, tira o pano do pescoço e aperta nas mãos.

RAEL

Então se a gente parar a extração... eles perdem o controle?

ARUNA

Se a gente parar o núcleo, eles colapsam. Os setores refrigerados não seguram sem o calor das zonas queimadas.

TECA, sentada contra a parede, encara a projeção.

TECA

Não tem redistribuição. É um circuito fechado.

Aruna toca um ponto no mapa. A zona marcada como "Triz do Inferno" pisca em vermelho pulsante. Ela trava a imagem.

ARUNA

Essa é a chave. Não adianta protestar. Não adianta tomar equipamento. Enquanto o núcleo estiver funcionando, eles seguem frios. E a gente segue queimando.

Aruna encara os rostos ao redor. Todos esperam a ordem.

ARUNA (CONT'D)

Tem que parar.

Ela desativa o painel. A luz na sala baixa com o fim da projeção.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE MONITORAMENTO - DIA**

Paredes lisas de metal branco, com terminais dispostos em fileiras. A iluminação é fixa, fria, refletida nas superfícies espelhadas dos painéis de controle. Ao fundo, tubos de ventilação. No centro da sala, Lila opera sozinha diante do painel principal. A mesa é ampla, com três visores holográficos flutuando em frente ao seu rosto.

Ela revisa a lista de deslocamento dos técnicos. Os dados rolam em colunas: nome, setor, destino, assinatura térmica, tempo de permanência. Lila para quando vê a linha de "Isaak N." piscando em vermelho. O sistema indica que Isaak embarcou para Triz do Inferno, mas os sensores térmicos registraram sua assinatura interna no complexo apenas três horas depois do embarque.

Lila cruza as informações. A rota foi validada, mas o corpo do técnico não deixou o perímetro. Ela aciona a busca por histórico de acessos. O visor projeta uma nova sequência: Isaak esteve em pelo menos três áreas de segurança elevada. Setor de manutenção. Núcleo. Arquivos de controle.

Ela remove a interface auxiliar do visor, conecta diretamente ao canal de notificação interna e insere prioridade zero. A mensagem é direcionada para os dispositivos de Rússel e Prússia. O sistema responde com o selo de envio automático: "Alerta de Infiltração - Rastreamento Ativado".

O painel continua atualizando os dados. Lila observa a tela por mais alguns segundos. Nenhuma outra assinatura fora do padrão aparece. Mas agora, há um nome em duplicidade e uma entrada em lugar de uma saída. Ela anota manualmente o código de rastreamento. Depois, inicia um escaneamento interno.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE CONTROLE - DIA**

A iluminação azulada dos visores holográficos preenche a sala. Prateleiras embutidas guardam instrumentos de análise térmica. Painéis translúcidos mostram o mapa dinâmico da F.R.I.O em tempo real.

Prússia desliza os dedos pela superfície interativa. As camadas de acesso digital são filtradas, reorganizadas. No canto superior da tela, uma notificação permanece ativa: "ALERTA DE INFILTRAÇÃO - remetente: LILA".

Rússel está ao lado, braços cruzados. Ele inclina a cabeça quando Prússia para sobre uma linha específica.

RÚSSEL

Isaak N... designado pra Triz, certo?

PRÚSSIA

Designado, sim. Mas a assinatura térmica dele nunca saiu daqui.

Ela amplia os dados. O mapa registra Isaak como embarcado, mas o traço térmico associado continua ativo dentro do complexo. Nenhuma leitura compatível foi registrada fora dos setores frios.

RÚSSEL

Clonagem de identidade?

PRÚSSIA

Digital, sim. Mas o sistema de calor não mente.

Rússel avança com um comando. Filtra os dados por assinaturas não validadas. Uma delas salta.

RÚSSEL

Noel.

Os dois se encaram.

PRÚSSIA

Ele acessou manutenção, núcleo e arquivos de controle.

RÚSSEL

E tá achando que passou limpo.

Prússia fecha parte dos painéis e seleciona a trilha térmica de Noel no mapa interativo. Um traço fino percorre os corredores da F.R.I.O.

PRÚSSIA

Vamos ver até onde ele chega.

#### **EXT. COMPLEXO DA F.R.I.O - PLATAFORMA DE DESEMBARQUE - DIA**

O comboio vindo de Triz do Inferno cruza os portões reforçados do complexo. A mudança térmica é imediata. O calor abrasivo do exterior é substituído por uma atmosfera refrigerada. A plataforma de desembarque, revestida de metal fosco e marcas de orientação, recebe os veículos em fila precisa. Guardas circulam com exopele frigorífica ativa, posicionando-se próximos às vias de entrada com visores conectados ao sistema de escaneamento.

O caminhão técnico desacopla e a porta traseira se abre com liberação de vapor estabilizante. Os técnicos descem em ordem, um após o outro, passando por um arco de leitura biométrica e escaneamento térmico. Cada visor pessoal pisca verde ao cruzar o ponto de verificação. O sistema confirma identidade, temperatura e liberação.

Noel desce entre eles. O capacete térmico esconde suas feições. A farda está devidamente ajustada. Seu identificador exibe sinal verde quando passa pelo scanner. Ele segue junto ao grupo. O corredor principal se divide. Painéis luminosos indicam os setores operacionais: LOGÍSTICA, ARQUIVOS, CENTRO DE ENERGIA. Técnicos se dispersam. Cada grupo toma uma direção. Noel para por um instante. Observa. Ele ajusta o capacete e avança.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - CORREDORES INTERNOS - DIA**

O corredor possui seis metros de largura, revestido por painéis de alumínio escovado com marcações numéricas nos cantos. Placas indicativas nas paredes apontam os setores principais: "LOGÍSTICA TÉRMICA", "RESSUPRIMENTO", "DESCARGA TÉCNICA A-2". Ventiladores lineares embutidos no teto emitem jatos de ar refrigerado em ciclos regulares, mantendo a temperatura interna constante em 21°C. Luzes brancas frias percorrem trilhos de LED no alto das laterais.

Noel segue o fluxo de quinze técnicos. Todos usam exopele térmica padrão da F.R.I.O, na cor cinza escuro, com capacetes selados e mochilas de refrigeração conectadas por dutos nas laterais. Cada uniforme carrega um número de identificação visível no ombro esquerdo. O grupo avança em duas fileiras, mantendo ritmo uniforme. Os trajés emitem ruídos leves de recalibração a cada vinte metros.

Painéis de controle estão fixados a cada intervalo de três metros nas paredes. Cada técnico aproxima o bracelete de identificação e aguarda o visor piscar em verde. O sensor projeta breves informações: nome, setor de origem, carga térmica do traje e tempo estimado de operação.

Noel chega ao ponto de verificação. Ele posiciona o pulso sobre o scanner. A luz varre a superfície do bracelete. Um som breve confirma a liberação. "ISAAK N." A porta à frente se abre.

O chão vibra. Trilhas magnetizadas sob o piso conduzem cargas técnicas em pequenos veículos automatizados. Uma câmera esférica presa ao teto gira trinta graus e pausa sobre o grupo. Três segundos depois, retorna à posição inicial.

Noel continua em linha reta. Acima dele, uma placa iluminada exibe as direções: "CENTRO DE ANÁLISE TÉRMICA - SETOR 2", "LOGÍSTICA INTERNA - ANDAR 3", "DORMITÓRIOS - BLOCO C". Ele ajusta o passo, desvia do grupo e vira à direita. O corredor afunila, o fluxo de pessoas se dispersa. Noel segue sozinho em direção ao Bloco C.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - DORMITÓRIO FUNCIONAL - DIA**

Noel entra. O dormitório é padronizado, composto por placas metálicas, mobiliário fixo e iluminação branca controlada por sensores. A porta automática se fecha atrás dele. À direita, uma bancada com superfície opaca, visor embutido e suporte para traje térmico. À esquerda, uma cama de base metálica, lençol térmico cinza esticado, travesseiro embutido no painel da parede.

Ele caminha até a bancada. Retira o capacete térmico, deposita o item no suporte lateral. Desconecta o bracelete de controle do pulso esquerdo e o posiciona sobre a mesa. Desativa os lacres da farda superior e puxa o tecido. A camada interna está úmida. Dobra a parte superior da roupa e a pendura no gancho de secagem automática acima da cama.

No visor da parede, a projeção padrão da F.R.I.O está ativa: mapa térmico rotativo, dados operacionais dos núcleos e um feed silencioso da Baía de Vidro. Ele toca o painel sensível no canto inferior do visor. A projeção se apaga.

Noel senta na cama. Ele encosta as costas na parede e apoia os cotovelos nas pernas. O quarto está isolado acusticamente. A ventilação funciona em modo noturno, liberando ar tratado em intervalos regulares pelas aberturas laterais. Ele se deita. Os braços ficam ao lado do corpo. No visor apagado, o reflexo da sala permanece visível. Noel fecha os olhos.

CORTA PARA:

O som agudo de um alarme preenche o ambiente. Noel desperta. Ele se senta na cama. O visor holográfico ao lado da cama já está ativado, projetando em tempo real uma transmissão emergencial. A imagem mostra a Praça Central. A multidão ocupa o espaço em frente ao painel principal. As telas públicas exibem documentos da F.R.I.O: gráficos de conversão térmica, mapas de redistribuição de calor e registros de extração. Linhas vermelhas e azuis se cruzam sobre um mapa do continente. Linhas de código percorrem o rodapé da imagem.

Pessoas aparecem na transmissão. Algumas permanecem imóveis, olhando fixamente. Outras começam a gritar. Um homem lança uma estrutura contra a grade metálica da Praça Central. Mais atrás, grupos avançam em direção à barreira de contenção. A linha de segurança cede em um dos pontos. Policiais recuam parcialmente.

Noel se levanta. Caminha até o visor e desativa a projeção com um toque. A imagem some, mas o som do alarme persiste. Ele veste a parte superior da farda, prende os lacres nos pulsos e no colarinho, calça as botas e pega o bracelete térmico da bancada. O visor do equipamento pisca com a notificação de emergência geral. A F.R.I.O já iniciou o bloqueio de setores.

Noel caminha até a porta automática. Ela se abre com um estalo breve. O corredor está iluminado. Sinais de evacuação acendem no piso com luzes pulsantes. O alarme não para. Ele segue em direção ao setor de saída.

**EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA**

A temperatura elevada distorce o ar sobre a multidão. Pessoas espremem-se em frente ao telão principal, onde os dados da F.R.I.O são exibidos em tempo real. Gráficos holográficos projetam a variação térmica. O número no canto superior aumenta lentamente: 47°C... 48°C... 49°C.

O público começa a reagir. Gritos se espalham. Algumas pessoas pressionam contra as barreiras de contenção. Outras arremessam objetos. Guardas posicionados ao redor da praça acionam escudos térmicos circulares que se expandem em brilho azul, criando barreiras físicas contra os manifestantes.

O visor holográfico se reorganiza. A logo da F.R.I.O ocupa a tela central. O vídeo corta para um ambiente interno refrigerado. Ao centro, Rússel e Prússia observam. Estão posicionados diante de uma mesa de comando. O espaço ao redor deles é branco.

**RÚSSEL**

A temperatura sempre foi regulada  
conforme a estabilidade social.  
Quanto mais desordem, mais calor.

A multidão responde com gritos mais intensos. Pessoas batem contra os escudos.

**PRÚSSIA**

Se vocês não conseguem se  
controlar, por que deveríamos  
manter o equilíbrio?

O tumulto aumenta. Manifestantes se empurram. Alguns tentam romper a linha de contenção. Objetos voam. Um homem desmaia próximo ao painel central. Outros tentam arrastá-lo para longe.

**RÚSSEL**

A rebelião não esfriará o mundo. Só  
o tornará mais quente.

O visor atualiza. 50°C. O gráfico permanece em vermelho pulsante.

**PRÚSSIA**

A escolha é simples: ordem ou  
calor.

O logotipo da F.R.I.O volta a ocupar o centro da tela. Guardas mantêm a formação. Na multidão, pessoas caem, outras recuam.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - CORREDORES INTERNOS - DIA**

Noel caminha pelos corredores principais do setor funcional. O piso metálico reverbera com o som repetido dos passos dos técnicos. Painéis laterais exibem transmissões ao vivo da Praça Central. A imagem do protesto ocupa as telas: tumulto, aumento de temperatura, forças de contenção posicionadas. No canto inferior, gráficos atualizam em tempo real. Fornalha em 50,3°C. Baía de Vidro estabilizada em 17°C.

O visor embutido no braço de Noel vibra. Ele diminui o passo, posiciona-se próximo a uma divisória de manutenção e acessa o comunicador. A tela holográfica se abre. Uma mensagem aparece.

ARUNA (TEXTO):

"A entrada está aberta. Você sabe o caminho."

Noel observa. A interface atualiza e um mapa projetado surge em miniatura, destacando um trajeto interno pelos níveis inferiores. Rota segura. Um corredor técnico isolado.

Ele fecha o visor, recua e muda de direção, afastando-se do fluxo principal. Noel se move.

**EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA**

A multidão permanece em pé diante do telão principal. Rostos cobertos de suor, roupas coladas ao corpo, mãos apoiadas em joelhos. Alguns se abanam com pedaços de papelão. Outros esperam. No alto dos prédios, drones pairam imóveis, lentes girando.

A imagem no telão pisca por alguns segundos até se estabilizar. A transmissão retorna. Rússel e Prússia surgem no centro da tela. Prússia ajusta o colarinho. Mantém o olhar firme na câmera.

PRÚSSIA

Cidadãos, ouvimos suas  
preocupações.

A praça silencia. Crianças são erguidas nos ombros dos pais para ver melhor.

PRÚSSIA (CONT'D)

O fornecimento de temperatura será  
ajustado. Mas lembrem-se: a  
estabilidade térmica é um ciclo.

O telão exibe os indicadores climáticos. A temperatura social, antes em vermelho, começa a baixar. 51°C... 50°C... 49.2°C... 47°C... 45°C...

Um murmúrio percorre a praça. Pessoas se encostam nas estruturas ao redor, respirando com mais facilidade. Alguns se sentam no chão. Outros limpam o rosto com pedaços de tecido molhados em água quente.

RÚSSEL

Enquanto houver equilíbrio, todos viverão melhor. Não precisam lutar contra nós. O frio sempre estará onde deve estar.

A tela exibe, em letras grandes, a frase: "TEMPERATURA ESTABILIZADA - FRIO SOB CONTROLE".

#### **INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - DIA**

O calor acumulado dentro da base pressiona as paredes de metal exposto. Ventiladores lentos circulam ar quente. Rebeldes amontoados observam os monitores holográficos. Nas telas, imagens da Praça Central: o tumulto cede, a multidão recua. Gráficos térmicos estabilizam. O ambiente estático contrasta com a tensão dentro da sala.

Aruna analisa os dados com os olhos fixos na projeção principal. Ela alterna entre registros de fluxo energético e sensores internos da F.R.I.O.

PAVIO

Tá vendo isso? A praça esfriando.  
Os caras recuaram.

Aruna não responde de imediato. Desliza o dedo sobre o visor e amplia a leitura térmica. Um pico de energia surge entre os dados.

ARUNA

Eles não recuaram. Eles recalibraram.

Pavio franze o cenho, se aproximando da mesa de controle.

PAVIO

Recalibraram o quê? Não tão cedendo?

Aruna cruza duas linhas de dados.

ARUNA

Não tão tentando evitar nada. Estão organizando o próximo passo. Dançando conforme a música.

PAVIO

E a gente tá tocando a trilha pra eles?

Ela não responde. Puxa os registros de assinatura térmica e começa a cruzar com a malha de segurança interna. Um padrão chama sua atenção. Nenhum bloqueio, armadilha ou protocolo de detecção ativado.

ARUNA

Eles sabem que ele tá dentro.

Pavio olha para a tela.

PAVIO

Noel?

Aruna confirma com um gesto. Mas continua digitando, buscando uma anomalia. Um caminho que ainda esteja aberto onde o sistema não veria ameaça. Quando acessa os dados da Criogenia, para.

Setores marcados como "processamento final" não possuem monitoramento ativo. A F.R.I.O não rastreia corpos fora do ciclo biotérmico.

ARUNA

Se ele entrar como técnico, vão interceptar. Mas morto, o sistema ignora.

Ela digita rápido, acionando um canal seguro. A mensagem codificada se forma na tela.

ARUNA (TEXTO):

"Vá para a Criogenia. É o único jeito."

Ela envia. O visor apaga.

PAVIO

Se ele entender errado, ferrou.

Aruna não desvia os olhos da tela.

ARUNA

Então ele vai ter que entender certo.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - ELEVADOR DE SERVIÇO - DIA**

As paredes do elevador são de aço escovado, riscadas. Ventiladores embutidos forçam o ar filtrado. Noel mantém os braços colados ao corpo, parado no canto. O painel de controle exibe o trajeto inicial. Cada número iluminado em vermelho marca a descida pelos níveis restritos.

A luz interna pisca brevemente. O elevador freia no Nível 8. A porta se abre. TÉCNICO 3 e TÉCNICO 4 entram, usando fardas com manchas de resina térmica. Um deles segura um módulo de calibração, o outro confere uma prancheta digital.

O elevador desce mais dois andares. Nível 10. As portas se abrem. TÉCNICO 3 sai. TÉCNICO 5 entra. Noel observa o painel. Tempo restante: dois minutos e doze segundos. Ele sente o comunicador vibrar. A tela reforça: "Vá para a Criogenia. É o único jeito." Sem hesitar, ele se aproxima do painel de emergência. Abre a tampa inferior, conectando manualmente seu identificador ao terminal oculto. Digita o código de desvio.

VOZ AUTOMATIZADA (V.O.)  
Unidade Criogênica - Setor Inferior  
17.

Noel recua até o fundo da cabine. TÉCNICO 5 consulta seu visor.

TÉCNICO 5  
A Criogenia? Agora?

TÉCNICO 3  
Deve ser manutenção automatizada.

NOEL  
É.

As luzes internas ficam mais fracas. As paredes começam a vibrar. Umidade se forma nos cantos, efeito do contraste térmico dos setores mais profundos. A temperatura da cabine diminui. O visor marca: "Nível 17 - Unidade Criogênica". O elevador para. As portas se abrem. Um corredor estreito, iluminado por luz azul fria, estende-se à frente. Noel sai. As portas se fecham em silêncio.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - UNIDADE CRIOGÊNICA - DIA**

A porta deslizante se abre com um chiado. Uma onda de vapor frio se espalha pelo corredor, condensando o ar quente ao redor. Noel cruza a entrada. O piso metálico brilha sob a luz branca. Cápsulas cilíndricas estão dispostas em fileiras simétricas, cada uma com uma estrutura translúcida selada.

Corpos repousam no interior das câmaras, cobertos por películas térmicas reguladas. Todas marcadas com etiquetas digitais, identificações e tempo estimado para o transporte.

O visor holográfico no pulso de Noel atualiza automaticamente: "Recalibração do Núcleo em 01:45." Ele avança sem hesitar. À frente, uma nova linha de corpos aguarda o fechamento definitivo das cápsulas. A película de preservação já cobre os corpos, mas o processo ainda não foi finalizado. Ele examina rapidamente cada unidade. Um compartimento na extremidade da fileira está parcialmente aberto. O corpo repousa imóvel. O visor da cápsula ainda pisca em modo de espera.

Noel se aproxima, desliza o corpo de lado com cuidado, sem retirá-lo completamente, apenas o suficiente para abrir espaço. Ele se encaixa dentro da cápsula, ajustando o corpo entre os mecanismos laterais. Estica a película térmica sobre si, cobrindo o torso e parte do rosto. Deixa o mínimo necessário para respirar. Um clique discreto sinaliza o início do fechamento automático.

O visor pisca novamente: "Processo Concluído - Transporte Agendado." A tampa desce. O sistema sela a cápsula.

#### **INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - DIA**

Os monitores exibem apenas gráficos estáticos. Nenhuma nova leitura. A luz da tela principal projeta um tom azulado sobre o rosto de Aruna. Ela permanece em pé diante do console, digitando uma sequência atrás da outra.

Ao fundo, quatro rebeldes observam em silêncio. A estrutura da base range com o calor. Um ventilador gira lentamente no alto. Aruna tenta acessar o rastreamento térmico da F.R.I.O. O sistema retorna: "ID DESCONHECIDO."

PAVIO

Ele desligou o identificador?

Aruna não responde. Ajusta os parâmetros. Tenta por outro acesso. Mesmo retorno. Ela digita mais uma linha de comando. Nada.

PAVIO (CONT'D)

Aruna?

Ela continua olhando a tela. Os dados de Noel não aparecem em nenhum setor.

ARUNA

O protocolo não reconhece o ID.  
Nenhuma frequência térmica ativa.

PAVIO  
Então sumiu?

Aruna reconfigura o filtro do sistema e roda a última varredura. A tela finaliza com o aviso: "NENHUMA LEITURA COMPATÍVEL."

ARUNA  
Ele não tá fora da malha. Ele tá fora do sistema.

PAVIO  
A Frio apagou?

ARUNA  
Ou ele entrou em algum ponto que não registra atividade. Se for isso, não tem como saber.

Pavio troca um olhar com outro rebelde. Aruna mantém os olhos fixos na tela.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - UNIDADE CRIOGÊNICA - NOITE**

Fileiras de cápsulas criogênicas se alinham em corredores paralelos. Cada uma exibe no visor uma sequência de dados: nome, temperatura interna, origem e destino. Algumas já seladas. Outras em processo de preservação. Técnicos em jalecos brancos caminham entre os corredores, conferindo registros, ajustando parâmetros e documentando o estado de cada corpo.

No centro da sala, uma cápsula isolada. O visor exibe em vermelho: "IDENTIFICAÇÃO: DESCONHECIDA STATUS: PRESERVAÇÃO EM CURSO DESTINO FINAL: REDOMA"

Dentro dela, Noel. O rosto encoberto parcialmente pela névoa interna que escapa pelas frestas do lacre criogênico. A pele já apresenta sinais da exposição ao frio extremo. Os sensores ainda registram atividade mínima.

Do fundo do corredor, as portas principais se abrem. Rússel e Prússia entram, ambos vestidos com uniformes escuros e gola elevada. Os técnicos interrompem brevemente o trabalho. TÉCNICO 6 se adianta.

TÉCNICO 6  
Preservação concluída. O compartimento foi selado conforme protocolo de transporte prioritário.

PRÚSSIA

Foi verificado?

TÉCNICO 6

Sem identificação válida no sistema. Mas os sinais residuais de atividade neural ainda estão dentro da faixa instável.

Rússel se aproxima da cápsula. Analisa os dados no visor.

RÚSSEL

Quanto tempo até que perca completamente a consciência?

TÉCNICO 6

Duas horas. Talvez menos. O sistema ainda não desligou o limiar sensorial.

Prússia caminha ao lado do irmão. Fixa os olhos na névoa que escapa da câmara.

PRÚSSIA

E ele escolheu isso?

RÚSSEL

Claro que escolheu. A liberdade é sempre mais assustadora que a morte.

Os dois permanecem por um instante diante da cápsula.

TÉCNICO 7

A Redoma já confirmou recebimento. Vai no próximo lote para o Setor Frio 03.

PRÚSSIA

A Redoma não precisa saber quem foi. Apenas que chegou selado.

Rússel ajusta o colarinho. Olha uma última vez para o visor da cápsula. Depois, vira-se para sair.

RÚSSEL

Arquivem como falha térmica. Que morra como viveu, fora do padrão.

As portas se abrem novamente. Eles desaparecem no corredor. A cápsula de Noel permanece no centro da sala, envolta por uma camada densa de vapor azul. Um ruído baixo acompanha o travamento final da câmara. O transporte será imediato.

**INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - DIA**

No centro da sala, Aruna desliga o terminal de transmissão. A luz da tela apaga, deixando apenas o reflexo opaco dos monitores inativos. Ela permanece por um segundo imóvel, os olhos fixos no espaço à frente.

Atrás dela, outros rebeldes acompanham em silêncio. Teca, suada, apoiada na parede com os braços cruzados, dá um passo à frente mas para. Ela observa o semblante de Aruna. Se vira e caminha para longe da mesa.

Os demais a acompanham com o olhar. O terminal continua desligado. Não há sinal.

Pavio, encostado ao batente da porta, quebra o silêncio.

PAVIO

A gente vai ficar aqui esperando,  
é?

Aruna para.

ARUNA

Não. Agora a gente vai pra cima.

Alguém puxa uma planta térmica da parede lateral. Ferramentas são recolhidas.

**EXT. DESERTO - DIA**

O transporte blindado avança por uma planície seca. A superfície do deserto é marcada por fendas e placas de areia vitrificada. As rodas reforçadas do veículo esmagam a poeira acumulada, levantando uma nuvem opaca atrás da lataria.

Adiante, a estrutura da Redoma se revela no horizonte. Uma muralha de vidro contínua, translúcida e impenetrável, que separa o exterior abrasador do interior climatizado. Torres de vigilância acompanham a aproximação. Sensores giratórios emitem pulsos azuis em intervalos regulares.

O veículo reduz a velocidade ao atingir a zona de escaneamento. Feixes verticais descem das torres, atravessando o transporte por completo. Um som eletrônico curto sinaliza a liberação. No visor externo, o status pisca em verde: "ACESSO AUTORIZADO."

A entrada da Redoma se divide em segmentos. Placas reforçadas se retraem lateralmente com movimentos hidráulicos. A abertura se forma. O transporte avança para o interior, atravessando o limite térmico. A porta se fecha logo atrás, isolando completamente o deserto.

**INT. REDOMA - DIA**

O corpo de Noel repousa dentro de um caixão metálico centralizado na plataforma criogênica. A superfície do contêiner reflete as luzes pálidas e frias da câmara, criando um brilho constante nas paredes de aço polido. Ao redor da estrutura, figuras vestidas com trajês vermelhos formam uma fileira simétrica. As roupas são idênticas, cobrindo cada centímetro de pele. Máscaras de preservação ocultam os rostos, seladas por placas circulares sobre os olhos e a boca.

As figuras permanecem paradas, acompanhando o procedimento. A câmara é automatizada. Trilhos magnéticos ativam-se sob a plataforma, guiando o caixão lentamente até a zona de selamento. Braços mecânicos descem do teto, travando cada extremidade.

Vapor criogênico escapa por frestas laterais. A névoa se espalha rente ao chão, criando uma camada branca densa que encobre parcialmente os pés das figuras alinhadas. Acima do conjunto, um visor holográfico atualiza a operação em tempo real. Linhas de texto deslizam de forma contínua até fixar a última entrada: "CÂPSULA CRIOGÊNICA - STATUS: FINALIZADO".

Com o último travamento selado, a estrutura da câmara se fecha. Do lado externo da Redoma, visível através de uma abertura estreita no teto, o deserto se estende em todas as direções.

CORTA PARA:

**INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - NOITE**

Tubulações pingam. Um ventilador gira no teto, empurrado por vento quente. Aruna está sentada no chão de concreto, com o joelho apoiado num mapa térmico feito à mão: plástico derretido, papel rasgado, fitas de fibra óptica coladas. Luz fraca, amarela, tremula num canto.

Pavio entra com um terminal portátil no colo. Rael vem logo atrás, segurando um sensor improvisado coberto por malha de cobre.

PAVIO

A gente escaneou o setor sudoeste.  
Só ruído. Até que isso apareceu.

Ele encaixa o terminal numa tomada improvisada. A imagem carrega devagar: um espectro térmico colorido, pulsante e irregular. Mas há um ponto azul fixo, travado no canto da grade.

RAEL

Quatro ponto um graus. Constante.  
Nenhum pulso externo. Nenhum  
registro da F.R.I.O. Nada.

ARUNA

Isolado?

PAVIO

Total. É como se o lugar tivesse  
sido limpo do mapa. Mas o sensor do  
Noel ainda capta assinatura  
térmica.

(pausa)

Humana.

RAEL

Ou... preservada.

Aruna passa os dedos devagar sobre o mapa até tocar o ponto azul.

ARUNA

Eles congelaram alguém.

RAEL

Só pode ser ele.

PAVIO

Ou alguém que sabia que a gente  
procuraria.

Aruna se levanta. Ela se vira para os dois.

ARUNA

Se é ele, a F.R.I.O vai querer  
manter assim. Mas agora a gente  
sabe onde. Agora... a gente faz  
eles saberem que a gente sabe.

#### **INT. ZONA FUNDIDA - QUARTO DE ARUNA - NOITE**

O espaço é pequeno, montado no fundo de uma estrutura metálica antiga. As paredes são de concreto descascado, marcadas por fuligem e manchas de umidade. Há uma prateleira improvisada feita com grades enferrujadas e pedaços de plástico derretido. No canto, uma pilha de cabos queimados e ferramentas desgastadas. Uma lona cobre parte do teto. Um ventilador desmontado está encostado na parede.

A iluminação vem de uma lâmpada pendurada por fios expostos. A luz pisca de forma intermitente, lançando sombras irregulares sobre a mesa central, uma chapa de aço sobre dois blocos de concreto.

No centro da mesa, repousa um dos dispositivos criados. Estrutura cilíndrica, cobre exposto, fios de solda crua e uma luz azul pulsando em intervalos fixos. Ao lado, um pano seco com manchas de graxa cobre peças desmontadas. Aruna está sentada em frente ao dispositivo. Cotovelos sobre a mesa, mãos juntas sob o queixo. Os olhos fixos na pulsação azul.

A porta de chapa range devagar. Pavio entra.

REBELDE

Podíamos usar todos. Espalhar.

ARUNA

Se espalhar, a F.R.I.O vai saber.  
Se souber... vai negociar. É isso  
que a gente quer.

A porta volta a se abrir. Teca entra com um terminal portátil nas mãos. Fios pendem pelos lados. Ela deposita o equipamento sobre a mesa. Liga. A tela pisca.

TECA

Pegamos mais um ponto frio.  
Isolado. Zona leste inferior. É o  
segundo hoje. Nenhuma resposta da  
rede oficial.

Aruna se levanta. A luz azul do dispositivo ilumina seu rosto por baixo. Ela observa o visor do terminal. Teca ajusta os dados.

TECA (CONT'D)

Se a gente mostrar que está  
espalhando o frio fora da mão  
deles, eles vão sentir que perderam  
o controle.

ARUNA

Então espalha. Só o suficiente pra  
que eles sintam.

Teca começa a configurar o terminal. Pavio sai.

#### **EXT. FORNALHA - EXTERIOR DE SUBESTAÇÃO ELÉTRICA - NOITE**

Pavio se aproxima pelos fundos de uma estrutura térmica desativada. A parede de metal está coberta por fuligem e fissuras.

Ele localiza uma caixa de energia enferrujada, parcialmente solta da base. Força a tampa com uma chave de pressão, que range ao ser aberta.

Dentro, os fios estão corroídos, emaranhados em poeira térmica e restos de isolante queimado. Pávio afasta o material danificado com as mãos protegidas por luvas de borracha. Retira um conector antigo e puxa uma linha secundária da malha elétrica.

Do bolso lateral, saca um cilindro preto do tamanho de uma mão fechada. A estrutura do dispositivo é feita com peças reaproveitadas, soldados irregulares e uma carcaça metálica selada com fita térmica. Ele conecta os pinos nos pontos de energia e ativa o núcleo girando a base do cilindro.

O dispositivo se ilumina em azul. A luz interna pulsa em ritmo constante, registrando o início do sinal falso. Pávio fecha a tampa, recoloca a estrutura no lugar e recua, deixando o ponto instalado.

#### **EXT. ZONA FUNDIDA - DRENOS URBANOS - NOITE**

Teca desce por uma escada de serviço lateral, enferrujada e coberta de fuligem. A estrutura leva a um sistema de drenagem antigo, parcialmente alagado. Os degraus metálicos rangem sob o peso. Ela avança por um corredor estreito de concreto rachado, com fios de cobre pendendo do teto e água escorrendo pelas paredes.

No final do acesso, alcança uma tubulação inativa, rompida na base e com acúmulo de detritos secos. Ela ajoelha, limpa a área com um pano grosso e prende o dispositivo no interior da estrutura, utilizando suportes magnéticos adaptados. A fixação é firme, embutida sob a sombra dos canos.

Teca aciona o núcleo manualmente. O cilindro preto ativa uma luz azul que pulsa em ritmo fixo. A transmissão térmica simulada inicia. A assinatura enviada é constante, indicando estabilidade e ausência de risco. O sinal entra na malha da F.R.I.O como leitura legítima. A área, antes marcada como instável, passa a ser interpretada como zona segura. O sistema desativa monitoramento, patrulha e prioridade de vigilância. A Zona Fundida desaparece do mapa operacional.

#### **EXT. CINZA BRAVA - CORREDOR INDUSTRIAL DESATIVADO - NOITE**

Rael caminha por entre estruturas metálicas corroídas e colunas rachadas. O corredor é longo, encoberto por placas de aço. Poeira térmica cobre o chão. Tubulações rompidas cruzam o teto.

Ele carrega uma mochila compacta nas costas. Para diante de uma linha de condução térmica antiga, ainda visível sob uma calha exposta. A tubulação está seca mas conectada fisicamente à malha da cidade.

Rael ajoelha. Abre o compartimento e retira um dos dispositivos. Verifica os contatos, limpa o ponto de encaixe com um pano seco e acopla o cilindro. A luz azul acende. O pulso se inicia. O sinal emitido simula congelamento em andamento, queda brusca de temperatura, fluxo térmico invertido. A leitura entra no sistema central.

#### **EXT. PRAÇA CENTRAL - SUBNÍVEL TÉCNICO - NOITE**

Pavio e Teca se aproximam de uma escotilha lateral enferrujada, parcialmente coberta por entulho e restos de estrutura civil. Rael os espera ali, agachado, com a tampa solta e uma luz de trabalho apontada para baixo.

Pavio desce primeiro. A escada leva a um corredor técnico estreito, forrado de cabos, painéis antigos e tubos de isolamento. Teca segue logo atrás, carregando um dos dispositivos. Rael fecha a escotilha por cima e desce.

Os três caminham até uma sala estreita onde o núcleo de distribuição de dados térmicos da praça está instalado, uma torre de conectores centralizados, ainda em funcionamento. Teca ajoelha ao lado da estrutura. Pavio abre um painel lateral exposto. Rael retira um adaptador de sua mochila e entrega para Teca.

Ela conecta o dispositivo ao ponto de acesso. A luz azul estabiliza em pulso fixo. O sinal gerado entra diretamente na malha térmica principal da F.R.I.O como uma zona fria instável. O sistema registra a anomalia e dispara um alerta interno.

No painel de controle da F.R.I.O, a Praça Central entra em monitoramento elevado. Equipes de segurança redirecionam rotas. Programações civis são suspensas até nova verificação. No subsolo, Pavio observa a resposta pelo visor portátil. Rael já recua pelo túnel, atento ao tempo de extração.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE CONTROLE - DIA**

Telas de grande porte cobrem a parede frontal com projeções dinâmicas da malha térmica da cidade. Cabos descem do teto para as estações. Os monitores exibem mapas, fluxos de temperatura e logs de atividade em tempo real.

Lila caminha pelo nível superior, com as mãos cruzadas atrás das costas. Observa, enquanto os setores abaixo operam em ritmo acelerado.

TÉCNICO 1

Setor Fornalha em oscilação.  
Leitura artificial detectada. A origem não está mapeada.

TÉCNICO 2

Zona Fundida permanece com pulso térmico estável há seis ciclos. Nenhuma variação. Isso é impossível.

TÉCNICO 3

Cinza Brava acionou verificação de congelamento. Enviamos unidade aérea. Retornou sem registro térmico físico. Nenhum alvo.

TÉCNICO 4

Praça Central marcou desvio direto no núcleo de distribuição. O sistema considera como falha de malha, mas o padrão é contínuo.

Lila para diante da tela principal. Os olhos seguem as linhas de leitura em tempo real. Um traço azul aparece em Fornalha. Outro em Cinza Brava. Depois, mais dois.

LILA

São códigos externos. Cópias.

Ela observa o crescimento dos pontos no mapa. Quatro setores afetados.

LILA (CONT'D)

Bloqueiem a malha reversa.  
Silenciem as zonas comprometidas.  
Nenhum dado entra ou sai.

TÉCNICO 1

Precisamos recalibrar os módulos?

LILA

Desliguem. Todos os módulos de compensação. Fornalha, Fundida, Brava, Praça. Agora.

Os técnicos executam. Vários módulos térmicos são desativados remotamente. Gráficos oscilam. Os pontos azuis permanecem nos monitores, fixos.

**INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE REUNIÕES - NOITE**

Lila está em pé, próxima à extremidade da mesa. Rússel e Prússia ocupam lados opostos vestindo uniformes escuros com detalhes em prata. ENGIM permanece em pé, mais afastado, operando um terminal fixo. Todos observam a projeção central: o mapa térmico da cidade, com quatro zonas piscando em azul contínuo.

PRÚSSIA

A simulação foi confirmada. Eles estão mentindo para os nossos sensores.

RÚSSEL

E não sabemos quantos dispositivos foram instalados. Estamos respondendo a um padrão que não existe.

LILA

Mas a rede está reagindo. Se os sinais continuam entrando, temos uma trilha. Eles querem ser notados.

ENGIM

O sistema iniciou mais duas recalibrações sem ordem. Se seguir assim, vamos ter cortes em setores prioritários dentro de vinte ciclos.

PRÚSSIA

O controle já está comprometido. Precisamos inverter a jogada. Deixamos eles virem até nós. Forçamos contato.

LILA

Eles querem Noel. Podemos usar isso.

Rússel cruza os braços.

RÚSSEL

Ele está selado. Já não tem função.

LILA

Talvez pra nós, não. Mas pra eles, ainda tem peso.

Engim fecha o visor do terminal. Prússia encara Lila.

PRÚSSIA

Faça a proposta.

LILA

Sim. Com autorização, iniciamos contato controlado. Oferecemos Noel. Em troca, queremos os códigos que estão comprometendo a rede.

Rússel e Prússia assentem sem palavras. Engim registra.

**INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - DIA**

A mesa central está tomada por mapas térmicos, digitais e manuais, cobertos de marcas, fitas e croquis. Terminais reaproveitados vibram.

Rael gira a manivela de um visor portátil. O mapa da cidade aparece em projeção simples, com linhas de leitura em cores variáveis. Ele foca em Cinza Brava.

RAEL

Isso devia ter estabilizado depois da última varredura. Mas a leitura travou.

Teca digita em um terminal lateral, acompanhando os dados.

TECA

A rede tá lendo congelamento contínuo. Não tem variação. Só que não é real.

Pavio observa outro trecho do mapa em papel térmico.

PAVIO

Fornalha cortou o calor à toa. O sistema achou que tava esfriando, mas subiu. Tão recalibrando com base em mentira.

Aruna entra com um copo de metal.

ARUNA

Quanto tempo até reagirem?

RAEL

Com quatro zonas travadas, vão tentar contato logo. A F.R.I.O não vai aguentar ficar cega por muito tempo.

Teca gira o monitor, exhibe uma malha com erros de malha térmica cruzada.

TECA

Estão em loop. O sistema não sabe onde tá o erro. Se tentarem responder sem entender, cometem erro maior.

Um BIP agudo interrompe a conversa. O visor de Rael pisca com uma nova linha de código.

RAEL

Linha interna. Sem filtro. É mensagem direta.

Pavio, Teca e Aruna se aproximam. O texto se forma no visor.

NA TELA:

"Entregamos Noel. Vocês nos entregam os códigos."

PAVIO

Responder?

ARUNA

Não. A gente prepara.

TECA

É isso que você queria?

ARUNA

É o que eles acham que a gente quer.

#### **INT. ZONA FUNDIDA - LABORATÓRIO IMPROVISADO - DIA**

A luz entra pelas frestas da parede lateral. Mesas de ferro, baterias externas e cabos expostos ocupam todos os cantos. Há três terminais ligados em rede, montados com peças reaproveitadas da própria F.R.I.O.

Rael trabalha concentrado em um dos monitores. Linhas de código se movem rapidamente. No visor, vê-se o esqueleto do sistema da F.R.I.O modificado. Ele insere blocos de dados adicionais.

RAEL

Estamos inserindo um gatilho passivo. Ele fica adormecido na primeira leitura.

Teca acompanha do lado oposto, conferindo a estrutura binária. Ela remove padrões repetidos e reforça trechos que impedem rastreamento de origem.

TECA

Na segunda leitura, o código se ativa. Não bloqueia, não apaga. Só altera lógica base.

RAEL

Troca os eixos de compensação. Os módulos vão responder como se a cidade inteira estivesse fora de controle.

Em outra mesa, PAVIO monta a carcaça de um drive compacto. Estanho, grafite térmico e um invólucro metálico opaco, com acabamento limpo.

PAVIO

Por fora, parece uma atualização de rotina. Quando conectarem no núcleo, o sistema vai aceitar como legítimo.

Teca analisa uma simulação no visor. Zonas térmicas colapsam em sequência.

TECA

Eles vão achar que estão corrigindo a rede. Mas vão desligar o que ainda funciona.

RAEL

O sistema vai assumir que as zonas instáveis são erro antigo. Vai parar de tentar compensar. Vai tirar cobertura. Os dispositivos ficam livres. O controle recua.

PAVIO

E o sistema perde o mapa real. Vai corrigir com base em mentira.

Rael finaliza a última linha do código e salva no drive.

RAEL

Quem puxar isso... puxa o colapso junto.

Aruna entra. O drive está sobre a mesa. Ela o pega.

ARUNA

Está limpo?

RAEL

Por fora, sim. Por dentro, é fim.

Ela guarda o drive num compartimento de tecido reforçado preso à cintura.

#### **EXT. ZONA FUNDIDA - SUPERFÍCIE - NOITE**

Piso rachado, estruturas torcidas, colunas térmicas abandonadas. A névoa baixa mistura vapor e poeira fina. Aruna, Pavio e Teca avançam. Estão cobertos por exopele frigorífica, com os rostos semicobertos. O drive está fixado no cinto de Aruna, protegido por uma caixa metálica selada.

O comboio da F.R.I.O surge atrás de uma elevação: dois veículos pretos. Eles param à distância. As luzes permanecem desligadas. Um dos veículos abre a plataforma traseira. Um braço hidráulico se estende e deposita a cápsula criogênica no chão. Ela emite vapor pelas laterais. Estrutura metálica selada, com visor opaco e indicadores inativos.

Acima, um drone estabilizado flutua. Seu corpo redondo e sem insígnia brilha sob a luz difusa da névoa. Ele gira uma vez, escaneando o ambiente. Aruna caminha até o centro do espaço. Retira o drive da caixa e o posiciona no solo.

Pavio e Teca se aproximam da cápsula. A base tem rodas magnéticas travadas. Teca pressiona um painel lateral. As rodas destravam com um estalo. O vapor aumenta. Eles começam a puxar. O solo irregular dificulta o movimento. Pavio se posiciona à frente e guia pela alça inferior. Teca empurra pelas laterais, desviando de rachaduras e placas soltas.

Aruna permanece parada, observando. O drone desce. Um braço articulado se estende da parte inferior. Coleta o drive com um gancho magnético. Recolhe o objeto e sobe novamente, voltando à altura de vigilância. Pavio e Teca a posicionam com cuidado atrás de uma pilha de placas metálicas. Teca conecta um módulo de leitura portátil. As luzes internas da cápsula se acendem.

TECA

Sinais ativos. Pressão estável. Ele tá vivo.

CORTA PARA:

A cápsula criogênica repousa sobre uma base irregular de concreto quebrado, coberta parcialmente por uma lona térmica. O vapor escapa por filetes finos. Ao redor, sombras das torres calcinadas. Aruna observa a cápsula. Teca e Pavio fazem ajustes finais na rota de retirada, sincronizando a tração magnética e preparando o deslocamento.

Um pouco mais afastado, Rael coordena dois rebeldes da retaguarda. Eles ocupam pontos altos nos escombros e monitoram as laterais com armamentos leves.

Um impacto explode ao lado de Teca, levantando faíscas e pedaços de chapa corroída. O segundo tiro atinge uma viga acima da cápsula, que estilhaça e cai perto de PAVIO. O grupo se abaixa. Rael reage primeiro, disparando contra o alto de uma das colunas. Os rebeldes da retaguarda abrem fogo em sequência, cobrindo os flancos.

Aruna é atingida no ombro. O corpo gira com o impacto e colide contra um pedaço de estrutura rachada. Ela cai com força. O braço sangra rápido, a exopele frigorífica se encharca. Ela rasteja até uma divisão entre duas colunas de metal oxidado. Se esconde ali, pressionando o ferimento com os dedos.

PAVIO

Aruna!

ARUNA

Leva ele! Agora!

PAVIO ativa o módulo de tração da cápsula. As rodas respondem com atraso. A cápsula desliza pesada, vibrando com cada desnível. O vapor aumenta conforme o movimento se intensifica. Rael recua cobrindo.

A cápsula responde ao movimento. No interior, sensores despertam. O visor acende com luz azul suave. Um alerta discreto começa a piscar no painel lateral. O sistema detecta deslocamento. Braços mecânicos se retraem. O vapor muda de direção. Noel se move. Os dedos contraem. As pálpebras se abrem devagar, sem foco. Ele está acordando.

TECA

Ele tá voltando.

PAVIO

Não para.

Eles guiam a cápsula até uma trilha de evacuação térmica, só entulho e areia escura. A estrutura desliza com mais velocidade. Teca quase perde o controle. PAVIO se apoia na lateral para manter equilíbrio. A cápsula sacode.

Rael é o último a recuar. Ao se virar, vê Aruna caída entre duas colunas de concreto rachado. Atravessa os destroços e se agacha ao lado dela. Rael a segura firme pelas costas, encaixa o braço dela sobre seu ombro e a ergue.

RAEL

Vai comigo. Sem discussão.

**INT. ZONA FUNDIDA - PRÉDIO ABANDONADO - NOITE**

A cápsula criogênica está aberta no centro da sala. O vapor já se dissipou. A estrutura metálica ainda solta ruídos pontuais de dilatação térmica. Noel se senta na borda, o corpo úmido. No chão, ao lado da cápsula, repousa o corpo daquele que foi transportado junto com Noel, dentro da mesma estrutura criogênica. Coberto por um tecido térmico cinza, com manchas escuras no tórax, o corpo é erguido por dois rebeldes, que deixam o recinto.

Teca está ajoelhada ao lado de Aruna, que permanece sentada, encostada em uma coluna. Teca aplica gel térmico sobre o ferimento e ajusta as tiras de contenção do curativo do ombro de Aruna. Noel desce da cápsula. Pávio o ampara com uma das mãos.

NOEL

Ele estava comigo?

ARUNA

Na mesma cápsula.

Noel olha para o curativo no ombro dela.

NOEL

E você?

ARUNA

Nada que me tire da reta.

Teca finaliza o curativo, se levanta e conecta o terminal ao visor portátil preso à perna. O mapa térmico aparece. Algumas zonas da cidade estão marcadas como "normalizadas". Outras, em recalibração forçada.

TECA

O drive entrou. Confirmaram como atualização de segurança.

Cinco zonas estão sendo tratadas como estabilizadas.

PAVIO

Eles acham que corrigiram. Estão reativando rotas baseadas nos dados falsos.

NOEL

Isso segura por quanto tempo?

TECA

O bastante pra quebrar a lógica de reação automática. Eles vão travar tentando ajustar algo que não muda.

ARUNA

Depois disso, a cidade entra em desacordo. E a F.R.I.O perde o que não souber refazer com as próprias mãos.

Noel assente.

NOEL

Obrigado.  
(pausa)  
Por me tirarem de lá.

ARUNA

Você era a peça que faltava. A gente não perde mais nada. Quando eles vierem, já vai ser tarde.

#### **INT. COMPLEXO DA F.R.I.O - SALA DE CONTROLE - DIA**

Telas ativas. Gráficos em movimento. Comandos são lançados e executados. Os mapas térmicos projetam as zonas da cidade em tempo real. Setores antes críticos exibem agora a mesma leitura: 21°C. As linhas tornaram-se retas.

TÉCNICO 1

Estão todas dentro da faixa segura.

TÉCNICO 2

Verifiquei três vezes. O núcleo validou o código. Não há violação.

TÉCNICO 3

O sistema parece saudável, mas não responde a ninguém aqui.

Prússia avança pelo corredor. Acessa o terminal do drive transferido pelos rebeldes. Código limpo. Nenhum fragmento fora de padrão. O sistema registrou como protocolo oficial. O que entrou ali, entrou com a chave certa. No visor, os gráficos mostram mais zonas atingindo 21°C. O núcleo calcula, mas não interfere. Prússia fecha o visor.

PRÚSSIA

Isso não é ataque. É adaptação.

Ela digita comandos. O sistema aceita, mas não aplica. Os monitores continuam exibindo estabilidade.

PRÚSSIA (CONT'D)

Está tudo funcionando. Tudo está... perfeito. Temperatura estável.

(MORE)

PRÚSSIA (CONT'D)  
 Rotas abertas. Mas não é a gente  
 mais que decide isso. O sistema não  
 caiu, ele nos ignorou.

Ela vira para a sala.

PRÚSSIA (CONT'D)  
 Nós treinamos gerações pra manter  
 isso. Construimos um controle que  
 não podia falhar. Rastreio,  
 redundância, verificação tripla. E  
 agora... agora ele roda com base  
 num código que nenhum de vocês  
 entendeu.

Ela se aproxima do visor. O mapa da cidade gira. Todas as  
 zonas marcam 21°C.

PRÚSSIA (CONT'D)  
 Ele não está errado. Não trava, não  
 apita. Só... regula. E vocês ainda  
 acham que dá pra puxar de volta?

Ela olha em volta.

PRÚSSIA (CONT'D)  
 Rússel está numa sala paralela,  
 cruzando planilhas como se o  
 problema fosse de leitura. Ele não  
 entendeu nada. Nunca entendeu.  
 Enquanto isso, os sensores obedecem  
 um código externo como se fosse o  
 nosso. Eles não quebraram o  
 sistema, eles escreveram uma  
 versão.

Ela encara Lila por fim.

LILA  
 O sistema está estável, e a gente  
 fora dele.

#### **EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA**

A praça está cheia. Grupos se espalham em torno da estrutura  
 central, ocupando degraus, calçadas e marquises. Muitos  
 seguram cartazes com mensagens contra a F.R.I.O. O chão exhibe  
 rachaduras resfriadas. As placas metálicas perderam o brilho  
 provocado pelo calor constante. Não há mais fumaça.

Algumas pessoas esfregam os braços. Outras sopram o ar.  
 Camadas de roupas improvisadas começam a aparecer.

Crianças, antes suadas, correm pela praça com agasalhos amarrados na cintura. No topo da estrutura, os telões seguem ligados. O mapa térmico da cidade está congelado. No canto inferior direito da tela, um único número permanece estático: 21°C.

#### **INT. TRIZ DO INFERNO - CONDUTOS DE DISTRIBUIÇÃO - DIA**

Os condutos principais se estendem em linhas verticais e horizontais por dentro da estrutura subterrânea. Cada um mede mais de meio metro de diâmetro e é construído em liga metálica de alta densidade. Estão marcados com inscrições técnicas gravadas a laser, indicando origem, destino e variação de fluxo térmico.

Tampas laterais se retraem automaticamente. Saídas de ventilação abrem com precisão mecânica. O vapor acumulado escapa. Logo em seguida, o fluxo inverte. O frio começa a se mover pelos condutos em direção a zonas periféricas. A parte externa dos tubos começa a condensar. Gotas de água se formam e escorrem lentamente. O revestimento metálico muda de tom. O painel de monitoramento local, embutido na parede técnica, atualiza a leitura: "MODO LIVRE - FLUXO AUTÔNOMO ATIVADO".

#### **EXT. BECO DA FORNALHA - DIA**

Bafudo caminha pelo centro do beco. Está mais magro, com o rosto menos avermelhado. A camisa permanece aberta. A calça de linho gasta se mantém firme no quadril. Noel aparece do lado oposto. A farda térmica ainda cobre seu corpo, mas os módulos estão desligados. Ele mantém a gola desabotoada. O ar frio condensa na respiração. Ao cruzarem, Bafudo solta o ar com força. Vapor visível sai pela boca.

BAFUDO

Frio bom da porra.

Segue andando até desaparecer na curva.

#### **INT. CASA DE NOEL - SALA - DIA**

A porta se abre. Em seguida, Noel cruza a entrada. O ar frio entra junto com ele, carregando um rastro visível de condensação que se desfaz ao tocar o ambiente interno. Natalina está ao lado da janela, com um pano mergulhado em uma bacia de metal. Ela torce o pano com as duas mãos, dobra ao meio e o posiciona sobre a grade interna da janela. A água escorre devagar. As gotas deslizam pelo tecido, atingem o parapeito e permanecem ali.

Natália observa da parede oposta. Está sentada sobre uma manta estendida diretamente no chão. Os pés cobertos, os braços sobre os joelhos. O cabelo preso. Os olhos fixos no pano molhado. A boca entreaberta. Respira com controle. Noel permanece parado junto à porta. Os olhos percorrem o cômodo inteiro, depois se fixam no tecido encharcado. A água não evapora.

FADE OUT.